

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Antropologia

O amor nos tempos da Globalização

O caso das mexicanas que migram por amor para Portugal

Carolina Wendolyne Cázares Treto

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Antropologia

Globalização, Migrações e Multiculturalismo

Orientadora:

Doutora Antónia Lima,

Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2012

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Antropologia

O amor nos tempos da Globalização

O caso das mexicanas que migram por amor para Portugal

Carolina Wendolyne Cázares Treto

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Antropologia

Globalização, Migrações e Multiculturalismo

Orientadora:

Doutora Antónia Lima,

Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

Outubro, 2012

Agradecimentos

Sou uma pessoa muito otimista, mas por momentos tive dúvidas acerca da chegada deste dia. Escrever os agradecimentos da tese significa que terminámos, significa que o momento da entrega chegou e que temos tempo para pensar com o coração e escrever umas linhas para agradecer às pessoas que estiveram connosco durante o trabalho realizado.

Sou uma antropóloga mexicana que migrou por amor para Portugal há três anos. O mesmo dia em que apresentei a minha tese de licenciatura também apanhei um avião, era um 14 de Setembro, trazia na mala muitos sonhos, um par de chinelos, os meus vestidos favoritos, os livros imprescindíveis e o coração transbordando de alegria.

A tese que aqui apresento é o resultado de muito trabalho, sendo honesta posso dizer que escrever em português foi um desafio. Uma coisa é perceber português, outra é falar português e outra muito diferente é escrever em português. Pôr os nossos pensamentos e sentimentos noutra língua que não é com a que aprendemos a perceber o mundo é muito complicado. A tese não seria possível sem a ajuda das pessoas que aqui conheci e que quero agradecer: obrigada Antónia Lima por estar sempre disponível para ajudar-me com a tese, pelo seu tempo, as suas palavras de ânimo e sobre tudo pelos sorrisos e a honestidade. Obrigada queridíssima Cristiana, sem ti, sem a tua ajuda não teria conseguido, obrigada por seres minha amiga. Obrigada à minha família transnacional, que está do outro lado do oceano, longe de mim no espaço, mas perto de mim no coração. Meus pais deram-me os melhores presentes: raízes profundas e asas fortes para chegar até onde os meus sonhos me levam. Obrigada Moonse, obrigada Osito e obrigada Jimbo, obrigada querida Erika, estão sempre no meu coração.

Esta tese seria impossível sem as minhas queridas mexicanas migrantes por amor. Porque com elas tenho aprendido muito, aprendi o poder da solidariedade, aprendi a conhecer-me num território estranho, aprendi muito com sua força, obrigadas pelas palavras, as festas, os risos e as lágrimas, Portugal é mais bonito também porque estão aqui.

E por último quero agradecer à vida por continuar a rodear-me de amor. Migrei por loucura, com o cérebro cheio dos químicos que segregamos quando ficamos apaixonados. Agora já passaram três anos e continuo apaixonada e feliz por partilhar a vida com o melhor companheiro do mundo: obrigada por tudo Sérgio, meu amor.

Resumo

Palavras chave

Amor, Migrações, Transnacionalismo, Matrimónios transnacionais, Globalização.

Esta investigação pretende trazer aos estudos das migrações um novo olhar. O cenário geográfico é composto por México e Portugal. Através de uma etnografia contextualizada e profunda da experiência diversa e complexa dos vínculos afectivos entre as pessoas no contexto migratório, pretendo descrever e aprofundar as características do que podemos denominar como: migrações por amor. No estudo analisarei as características deste tipo de migrações, centrando a análise na experiência subjectiva da migração. Desta maneira será possível trazer um pouco de luz a um rosto da migração que não se pode acomodar nos inquéritos, nos gráficos, nos cálculos e nas estatísticas, só através do que se vai tecendo nos relatos das histórias de vida das mulheres migrantes, que no seu dia a dia se encontram imersas num contexto transnacional.

Keywords

Love, Migration, Transnationalism, Transnationals Marriage, Globalization

This research aims to bring to studies of migration a new look. The geographic setting is composed of Mexico and Portugal. Through an ethnographic context and depth of experience of the diverse and complex emotional bonds between people in the migratory context, I want to deepen and describe the characteristics of what can be described as migrations for love. The study will analyze the characteristics of this type of migration, focusing the analysis on the subjective experience of migration and this way it can bring a little light to a face of migration that can not accommodate in surveys, graphs, calculations and statistics, if not as it weaves in the stories of the lives of migrant women who daily find themselves immersed in a transnational context.

Índice

Agradecimentos	3
Transformar o exótico no familiar e/ou transformar o familiar em exótico	6
Introduzindo-nos ao tema	9
Objectivos	13
Metodologia	14
Capitulo I Os antropólogos e o Amor	18
Por que o Amor como motivação para migrar?	19
Do amor romântico ao amor confluyente	22
Contexto social : globalização	23
Capitulo II Os Antropólogos e as migrações	25
O transnacionalismo	27
Feminização da migração	29
Mulheres migrantes em Portugal	31
Outras perspectivas para estudar as migrações	33
Migrações por amor: o conceito	36
Capitulo III O caso das mexicanas que migraram por amor para Portugal	40
10 mulheres /10 histórias	41
Os encontros: Histórias de Amor e Migração	43
O amor romantico e a descição de migrar	50
Do amor romântico ao amor confluyente: a experiencia	55
A vida em Portugal: adaptação e vida profissional	58
Aqui e lá: famílias transnacionais	62
Criação de redes sociais de apoio	65
O projecto de retorno	66
Conclusões: Uma Porta aberta	68
Bibliografia	73

Transformar o exótico no familiar e/ou transformar o familiar em exótico

Vivemos num mundo em que a mudança acontece de forma muito mais rápida do que antes, em que tudo está ligado a tudo e as distâncias parecem diminuir. Dadas estas novas condições, as ciências sociais têm de encontrar uma forma de abordar os fenómenos sociais que dê conta da mudança dos tempos e dos impactos dessas mudanças nas vidas das pessoas.

No mundo pós-moderno em que vivemos as diferenças são cada vez mais subtis, desafiando o trabalho do Antropólogo. A Antropologia é desafiada com a passagem de estranho a familiar, convertendo-se numa crítica à própria cultura ocidental. Por esse motivo, na antropologia moderna: O campo está em todo o lado (Clifford, 1997: 116), o antropólogo enfrenta um mundo de etnografia generalizada. O paradigma de sair, estar ali, naquele campo distante, durante longos períodos de tempo já não faz sentido, agora que o outro é o próximo. A um nível muito mais abrangente que nos anos 70, cada vez é mais necessário *des-exotizar* a diferença, *des-substanciá-la* e colocá-la em movimento.

A antropologia pós-moderna faz uso de recursos literários e de imagens para definir o social, nesse sentido, uma aldeia rural e tradicional vista como uma sala de trânsito, é a imagem com a qual James Clifford (1997:11), descreve a pós-modernidade, a nova ordem mundial de mobilidade, de histórias, de desapego. Esta imagem contrasta com a maneira como a antropologia moderna estudava os seus objectos de estudo: de forma localizada, fixa, imóvel, privilegiando as raízes, a residência, o nativo; privilegiando as relações de residência sobre as relações de viagem (Clifford, 1997:35). Para a antropologia moderna, os limites da aldeia, do campo são ao mesmo tempo os limites da cultura e da identidade.

O antropólogo deixa de ser o único que viaja, o nativo fá-lo igualmente. Cada vez com mais facilidade e frequência entra em contacto com outras culturas e está em movimento, em constante transformação, sendo um indivíduo complexo e preparado para falar do seu conhecimento *cultural*, de temas e as suas próprias inclinações *etnográficas* e interessantes histórias de viagem... Bons tradutores e explicadores sabem o que é viajar (Clifford, 1997:31).

São precisamente as viagens, os deslocamentos, os contactos, que produzem os significados que o antropólogo descreve. Muda então a forma de conceber o informante: agora é visto como um sujeito complexo, histórico, deixando de ser um tipo cultural e passando a ser visto como um indivíduo único. Pode pensar-se nele como um escritor ou como um viajante, ou ambos. Segundo

Geertz (1994), neste período experimental das ciências sociais, há um abandono dos modelos explicativos da física social. Afasta-se dum ideal de explicação de *leis e exemplos* até outro ideal de *casos e interpretações* (Geertz, 1994:31).

A ideia sobre o que é o campo reformula-se, expande-se, ultrapassa fronteiras físicas, sendo necessário repensar a forma como se faz etnografia. Esta deve ser multi-local e considerar as dinâmicas de residência e de viagem, em termos comparativos, para explicar a realidade social de uma forma mais completa e considerando a sua complexidade. Esta nova etnografia também deve considerar que os viajantes se movimentam com compulsões culturais, políticas e económicas muito fortes e que certos viajantes são materialmente privilegiados e outros não.

Os mitos da antropologia são questionados e o campo remoto já não é a única possibilidade de fazer uma investigação antropológica, Rossana Guber escreve ao respeito:

Estudar a própria sociedade tem várias vantagens: o antropólogo nativo não deve atravessar os por vezes complicados meandros para aceder à comunidade; não necessita de aprender a língua nativa que um estranho conhecerá, de qualquer maneira, imperfeitamente (Nukunya em Aguilar 1981:19), a sua pertença ao grupo não introduz alterações significativas, o que ajuda a criar uma interacção mais natural e maiores oportunidades para a observação participante; o antropólogo nativo raramente cai como presa dos estereótipos que pesam sobre a população, pois está em melhores condições para penetrar a vida real, em vez de obnubilar-se com as idealizações que os sujeitos tendem a apresentar de si mesmos (Guber 1981:16-21).

Depois da publicação do diário de Bronislaw Malinowski¹ muitos dos mitos da antropologia foram derrubados: O mito do investigador de campo camaleónico, mimetizado na perfeição nos seus ambientes exóticos, como um milagre de empatia, tacto, paciência e cosmopolitismo, foi demolido pelo homem que mais fez para o criar (Geertz, 1999:73).

Desta forma, a etnografia deixa de ser um texto frio e distante para dar lugar a um relato onde o antropólogo não é uma personagem alheia à realidade que estuda. Pelo contrário faz parte do mundo que quer compreender e analisar. O trabalho de campo e a escrita também fazem com que o antropólogo reflecta acerca da sua própria cultura e da sua forma de interagir nela.

¹ O diário de campo de Malinowski relata as duas etapas de seu trabalho etnográfico na Nova Guiné – Setembro de 1914 a Agosto de 1915 e nas ilhas Trobriand em Outubro de 1917 a Julho de 1918 – sendo publicado pela primeira vez em 1967. A publicação do diário ocorreu por decisão da esposa, Valetta Malinowska, após a morte deste.

A contradição entre a experiência particular e a avaliação fria ou objectiva, entre o biográfico e o científico, só pode superar-se satisfatoriamente se o etnógrafo se assumir como autor. Não é observador neutro que conta a realidade das coisas, mas aquele que constrói, a partir de sua experiência, uma interpretação dessas realidades. Não conta sem mais; cria uma visão do que é vivido de acordo com uma maior ou menor consciência poética. Por muito que seja seu receio, o etnógrafo termina incorporando-se ao texto e essa localização de si mesmo perante a sua obra determina em grande parte o resultado do seu trabalho. Como o novelista, tem de decidir o seu grau de protagonismo e compromisso com o que ele narra (Clifford y G. E. Marcus 1991:15).

Um dos antropólogos que inovou no campo dos estudos antropológicos foi Renato Rosaldo, que num texto de 1989, utiliza a sua experiência pessoal - a morte repentina da sua mulher Michelle Rosaldo² - para abordar a discussão sobre a força cultural das emoções.

Renato Rosaldo defende que, para entender os sentimentos que uma pessoa experimenta é preciso considerar a posição do sujeito, e esta dentro dum campo de relações. Exemplifica-o com o contraste entre a sua compreensão limitada da actividade emocional dos Ilingotes das Filipinas diante da prática de caçar cabeças, que foi por ele explicada através da teoria antropológica do intercâmbio. Só quando viveu a sua própria experiência de perda, pôde entender o vínculo entre a ira e a dor que estava presente nos Ilingotes. Aflição não é o mesmo que pena, e compreendeu e sentiu que “a ira que pode vir como uma perda devastadora” (Rosaldo, 1989:180).

Rosaldo menciona que demorou catorze anos a perceber o que motivava os Ilingotes a cortar as cabeças dos seus inimigos. Apesar de ouvir e até redigir de forma brilhante e pormenorizada as histórias, admitiu mais tarde que na realidade não compreendia nada do que diziam.

Um aspecto essencial desta introdução é o facto de ter demorado catorze anos a compreender o que os ilingotes me diziam sobre a aflição, a ira e a caçada de cabeças. Durante todos esses anos não me encontrava em posição de entender a força de uma ira possível na aflição; agora, sim (Rosaldo 1989:16)

Rosaldo chama a atenção para a posição do sujeito da experiência emocional que a antropologia tende a silenciar, devido à sua predileção pelas manifestações simbólicas ritualizadas, ou pelas esferas restritas que conferem importância aos eventos repetitivos. Tal é o caso, continua Rosaldo, de V. Turner sobre o processo ritual e de G. Geertz sobre os balineses. A antropologia, ao privilegiar os rituais, deixa de lado os processos sociais prévios e posteriores (dos quais o ritual é

² Em 1981, Michelle Rosaldo e eu começamos uma investigação de campo entre os Ifugaos do Norte de Luzón, Filipinas. O 11 de Outubro de esse ano, ela caminhava por um trilho com dois companheiros Ifugaos quando sofreu uma queda mortal de 20 metros até um rio caudaloso. (Rosaldo 1989:18).

só um elo), e a força cultural das emoções fica assim diluída. Também se concede pouca importância aquelas áreas da cultura que aparecem como pouco elaboradas simbolicamente pois atribuem-se-lhes escassa densidade cultural. Pelo contrário, as emoções, embora não apareçam como elaborações discursivas, têm força e densidade próprias (Rosaldo, 1989).

A importância da experiência pessoal para a compreensão da força cultural das emoções é uma questão relevante no estudo antropológico acerca das migrações por amor que pretendo analisar nesta tese. Guardando as dimensões correspondentes, posso dizer que assim como Renato Rosaldo só compreendeu a força cultural das emoções na cultura Ilingote, quando ele próprio viveu uma perda devastadora, eu percebi o significado da força cultural das emoções reflectidas no processo migratório quando eu própria migrei por amor. Esta situação particular levou-me a questionar o processo migratório e a vivência da experiência amorosa. Estes questionamentos levaram-me a investigar, a procurar no terreno e a analisar a migração a partir desta perspectiva.

Ao transformar o familiar em exótico pude analisar o fenómeno das migrações por amor a partir de outra perspectiva e assim fundamentar esta tese. No caso de Rosaldo, os Ilingotes que estudava, não tinham os mesmos códigos culturais que ele. No meu caso, compartilho os mesmos códigos e referências culturais que as migrantes mexicanas e, como dizia Rosana Guber, isso pode resultar numa vantagem no momento da investigação.

A minha experiência na vivência amorosa e migratória ajudou-me a analisar o fenómeno social das migrações por amor com outra perspectiva. Viver e ao mesmo tempo analisar o fenómeno, ser parte dele, foi uma experiência enriquecedora que ajudou-me a construir o seguinte texto.

Introduzindo-nos ao tema

Atualmente, o mundo inteiro está a reconstruir os seus territórios em função dos fluxos migratórios. Segundo dados do último estudo realizado pela ONU³ para saber a situação da população migrante a nível mundial, o número de pessoas que vivem fora do seu país natal, é maior que em qualquer outro período da história. O estudo da ONU compila dados importantes para os cientistas sociais, e entre outras coisas salienta a informação acerca da percentagem das mulheres na migração mundial: 94,5 milhões, ou seja quase metade (49,6%) de todos os migrantes internacionais são mulheres. Estamos portanto a assistir ao que se tem vindo a denominar: a feminização da migração.

Perante estes números os cientistas sociais fazem uma série de questões: Que mulheres estão a migrar? Para onde vão? Porquê? Que impactos têm estas mudanças na vida quotidiana? Se a cada dia que passa o número de mulheres migrantes aumenta, significa que vamos presenciar mudanças importantes nas dinâmicas familiares e de apropriações de espaços? Onde se reflectem estas alterações? Como analisá-las? Como dar conta dum fenómeno social tão diverso e tão heterogéneo como a migração feminina?

O estudo da ONU faz referência explícita ao aumento de mulheres que migram mediante uma relação matrimonial, enfatizando o fenómeno das *noivas encomendadas* e dos matrimónios forçados que, segundo as estatísticas, são uma realidade que está a aumentar. O exemplo da Ásia serve para ilustrar este fenómeno social, o estudo refere que em regiões como Taiwan metade dos estrangeiros são *noivas estrangeiras* que na sua maioria provêm da China e Ásia sul-oriental. De destacar o facto de que, desde a década de 90, 10 000 mulheres vietnamitas casaram com homens de Taiwan. Na Rússia migram anualmente de 10 000-15 000 mulheres com o objetivo de casarem em países como os Estados Unidos, o Japão e a Alemanha. Por esse motivo, existem empresas dedicadas ao negocio de formação de casais através de agências que enviam “noivas por correio”.

Estes estudos consideram que estas mulheres que migram e casam fazem-no maioritariamente forçadas, seja por organizações de tráfico ou forçadas a migrar devido à pobreza e desigualdade dos seus países de origem, e mesmo quando migram e casam com mútuo consentimento as estatísticas revelam alguma desigualdade económica e social de fundo.

³ Hacia la esperanza: Las mujeres y la migración internacional. Elaborado pelo Fundo de População da organização das Nações unidas 2006. http://www.unfpa.org/swp/2006/pdf/sp_sowp06.pdf

Atualmente, a maioria dos estudos sobre as migrações femininas resultantes dum projecto de matrimónio transnacional, estão repletos de estatísticas, não permitindo olhar o fenómeno a partir da perspectiva economicista e das teorias clássicas que estudam o fenómeno migratório enfatizando as desigualdades sociais⁴.

Nestes estudos as mulheres são consideradas “objetos” utilizados no mercado de matrimónios, pelo que se torna urgente, trazer novos olhares sobre as migrações femininas para enriquecer e complementar a análise.

Com esta tese pretende-se evidenciar outra dimensão da migração feminina incluindo “as vozes” das migrantes. Através das suas histórias quero colocar novas cores no mapa da migração centrando o estudo nas razões afetivas das migrações femininas.

Assim, este estudo é uma etnografia local das migrações que não são facilmente visíveis, que têm características muito particulares e que não são tidas em conta quando se fazem estudos migratórios com carácter global. É um estudo acerca das chamadas *migrações por amor*, que devem ser estudadas à luz de novas perspectivas analíticas.

Assim, é fundamental fazer estudos que descrevam estas migrações através de etnografias da experiência na vivência amorosa e migratória, para se poder reconhecer quem são os migrantes por amor e depois, com esses dados, analisar o fenómeno.

O amor, entendido como uma construção social do Ocidente, pode servir como categoria analítica para observar este tipo de fenómenos migratórios. É importante dizer aqui que as mulheres que migram dentro destas circunstâncias incluem no seu discurso a palavra “Amor” como a motivação para a sua decisão de migrar.

⁴ A produção bibliográfica especificamente centrada em casais de natureza transnacional, é escassa e heterogénea. Há estudos como os de Cahill 1990, Cooke 1986 sobre mulheres filipinas com maridos de diversos países. Chin 1994 fez um estudo sobre mulheres chinesas casadas transnacionalmente; Cohen 1986 estudou mulheres tailandesas, etc. (Roca 2006;22).

Quando se fazem estudos de migrações muitas vezes os cientistas sociais não escrevem acerca da força cultural das emoções, apesar de ser evidente que as pessoas que estão imersas em processos migratórios estão repletas de fortes emoções.

Proponho que a força cultural das emoções seja tida em consideração quando se estuda o fenómeno migratório. Mesmo os estudos de tipo economicista devem ter em conta que quem se desloca na procura de melhores oportunidades laborais e estabilidade económica são seres humanos que deixam para trás famílias e amigos nos seus países de origem e mudam drasticamente o seu modo de vida e inclusive a língua através da qual expressam as suas emoções.

Considero que o mais importante é mudar a nossa ideia de migrante. Já não podemos pensar nos migrantes apenas como pessoas vulneráveis, os migrantes são pessoas que tomam decisões, que são profissionais qualificados, que têm sonhos, esperanças, desejos, e que procuram aventuras.

Na presente investigação, trabalhei com mulheres mexicanas que se apaixonaram por um português e decidiram mudar radicalmente as suas vidas migrando na procura de um projecto de vida em casal. São mulheres que formam parte do transnacionalismo porque nunca deixam os laços que as unem ao seu país de origem e existem fortes intercâmbios que não só são de bens materiais, mas também de afectos e emoções.

Através deste estudo quero dar nome e rosto às migrantes por amor com quem trabalhei e não considerá-las parte das estatísticas mundiais sobre a população migrante. Através das suas histórias pretendo trazer novos contributos para as teorias sobre o processo migratório. Assim, o mais importante neste estudo antropológico é conceptualizar o fenómeno social a partir da perspectiva dos seus atores principais. Abordar a migração desde a perspectiva da motivação amorosa traz uma nova luz aos estudos migratórios e resgata a importância da força cultural das emoções nestes processos. Pelo que, para além de propor novas formas de pensar os migrantes esta investigação oferece também uma etnografia da experiência amorosa.

Considero que este tipo de estudos são importantes para complementar os que se focam principalmente na dimensão económica, racional, quantitativa do fenómeno. A migração não é só um processo global de causas e efeitos estruturais e macroeconómicos, leva consigo também relações sociais, económicas, políticas, simbólicas, afectivas que estão presentes no dia-a-dia dos sujeitos migrantes.

Assim a questão de partida na minha pesquisa é: os grupos de mulheres migrantes mais representativos em Portugal (Brasil, Cabo Verde, Ucrânia, Angola) vieram na sua maioria por motivos económicos ou por reagrupamento familiar, por seu lado, as mulheres migrantes de países que não têm tanta representatividade numérica vieram sobretudo por amor. Esse é o caso da comunidade feminina hispânica, oriundas da América-Latina: argentinas, cubanas, colombianas, peruanas e mexicanas. Acerca deste fenómeno não há evidência estatística, sobretudo porque este tipo de migrações tem características muito próprias e as migrantes entram maioritariamente com vistos de turista. Contudo, no terreno este fenómeno percebe-se facilmente.

Os Objectivos centrais da pesquisa são:

1) Através do estudo destas experiências migratórias e da consolidação de matrimónios transnacionais das mexicanas emigradas por amor para Portugal pretendo apresentar novas perspectivas acerca do fenómeno migratório. O conceito de “migrações por amor” pode ajudar a traçar novas cartografias para estudar um fenómeno social tão heterogéneo e dinâmico como são as migrações humanas.

2) Identificar as especificidades das migrantes por amor para elaborar uma espécie de tipologia destes migrantes: a) observar e analisar a forma local que adquire o fenómeno a partir da experiência migratória dum grupo de mulheres; b) documentar as mudanças que têm experimentado nas suas vidas após a imigração.

3) Assim este trabalho pretende iluminar uma das faces da complexa realidade do fenómeno migratório, ou seja, o aspecto subjectivo das vivências pessoais, quotidianas e locais dos actores que participam num processo global neste caso, a migração vista pelas mulheres que a vivem. A importância desta abordagem reside no facto de ser a nível local, doméstico, nas histórias dos migrantes o terreno onde se revela a dimensão cultural de um fenómeno tão grande e complexo. Neste nível encontramos histórias, percepções, sonhos, expectativas e imaginários.

4) Esta investigação pretende mostrar informação importante de como se vive o processo de adaptação das mulheres ao lugar de destino, quais são os mecanismos de integração na sociedade portuguesa e as dinâmicas que vivem na consolidação dos matrimónios transnacionais.

Assim pretendo contribuir para um conhecimento mais completo sobre o tema migratório descrevendo as migrações por amor e as suas implicações na vida das mulheres que formam parte deste processo. Desta forma esta investigação centra a sua análise num estudo particular: uma etnografia de 10 mulheres mexicanas que migraram por amor para Portugal.

A presente investigação situa-se em Portugal, concretamente na cidade de Lisboa e arredores. Especificamente falarei de mulheres migrantes por serem o grupo mais representativo em termos de género que encontrei no campo. Estas mulheres são provenientes de zonas principalmente urbanas constituintes das principais cidades do México, tais como Guadalajara, Veracruz, Cuernavaca e Cidade do México.

Este tipo de migrantes não tem redes sociais que incentivem a migração, as migrantes têm um projecto migratório individual e por esta razão não estão em terrenos geográficos facilmente localizáveis. Encontram-se espalhadas por todo o território português.

Dado que as migrantes por amor não formam parte das estatísticas é difícil calcular quantas mulheres fazem parte deste fenómeno migratório. Não obstante, no terreno, é relativamente fácil encontrá-las: a partir do momento em que se localiza uma é possível contatar com as outras (adiante explicarei detalhadamente esta e outras peculiaridades deste tipo de migração).

Decidi fazer o estudo de mexicanas por ser o grupo identitário ao qual pertenço e por serem as primeiras mulheres migrantes por amor que conheci em Portugal. O estudo podia ser sobre casais de qualquer nacionalidade, mas decidi fazê-lo entre mexicanas e portuguesas porque o campo da investigação foi seguindo esse caminho e eu deixei que ele assim me levasse.

Metodologia

O meu trabalho passou por duas fases, a primeira foi quase “inconsciente”. Ao princípio não sabia concretamente qual era o tema que ia a trabalhar na investigação, só sabia que queria continuar com a linha de investigação em que vinha trabalhando: As Migrações. Com minha primeira

aproximação com o grupo de mexicanas pretendia conhecer pessoas no país onde moro actualmente: Portugal.

Já tinha tido contacto com outras pessoas mas não conseguia estabelecer “amizade” com ninguém. Apesar de conhecer pessoas enquanto trabalhava e estudava, sentia que faltava sempre qualquer coisa, pelo que decidi procurar *compatriotas*, encontrando-os através do grupo virtual no Facebook: “Mexicanos em Portugal”. A partir daí, organizou-se uma reunião de mexicanos através desta rede social (grupo de Mexicanos em Portugal⁵) à qual assisti com o meu parceiro. Comecei a conversar com as mexicanas presentes, enquanto partilhávamos comida e bebidas típicas do nosso país de origem. Quando alguma de nós perguntava: “o que estás a fazer em Portugal? Porque vieste?” A resposta era sempre a mesma: “eu vim por amor! Apaixonei-me por um português”. Uma a uma contava a sua história enquanto nós ouvíamos incrédulas. Ficamos todas muito surpreendidas com esta descoberta!

Evidentemente o meu olhar como antropóloga sentiu-se fortemente atraído por este fenómeno social. Não sabia muito bem o que podia fazer, mas sabia que tinha que fazer alguma coisa com essas histórias. Senti muita curiosidade em conhecer as vivências destas mulheres e naquela noite eu lembro-me perfeitamente de ter dito (depois de beber *unos tragos de tequila*) que era antropóloga e que iria a fazer um livro com as suas histórias. Elas tinham muito interesse em falar comigo e contar-me tudo. Ao longo da conversa descobri muitas semelhanças entre as histórias de cada uma delas e inclusivamente com a minha própria e foi nesse momento que decidi fazer um trabalho de investigação antropológico acerca de essas histórias de amor e migração.

O segundo momento do trabalho de campo começou quando decidi o que queria realmente fazer. Partilhei com elas a minha intenção e elas mostraram disponibilidade para me contar as suas vivências. Quando falava com elas havia sempre alguma outra mexicana que me dizia ter vindo pelas mesmas razões, assim, pouco a pouco fui conhecendo mais mulheres, através do método de *bola de neve* em que uma entrevistada me levava a outra cujo motivo para a migração era o Amor.

Assim começaram as entrevistas. Primeiro informais, durante as diversas conversas que tínhamos, e seguidamente algumas entrevistas semi-estruturadas, mais profundas, com algumas delas. Escolhi para a investigação o caso de 10 mulheres, escolhidas pela diversidade que representam em relação à forma como conheceram a sua *cara metade* e também pela idade e experiências de cada uma.

⁵ <https://www.facebook.com/groups/156653407703/?fref=ts> Mexicanos em Portugal no Facebook.

Com o tempo percebi que já não era necessário fazer mais entrevistas, era mais importante o tempo que passava com elas no seu quotidiano, conhecendo-as pouco a pouco e “dando forma” aos relatos de vida que descreverei nesta tese. A relação próxima com as minhas informantes foi um elemento fundamental para esta investigação. Através das suas rotinas diárias obtive mais informação acerca das suas vidas, o que me permitiu complementar a que me foi disponibilizada nas entrevistas. Primeiro registei as suas histórias de amor; por ser fundamental saber como tinham conhecido os seus parceiros, e seguidamente centrei-me no momento em que tomaram a decisão de migrar. Depois, com a convivência diária, realizando o que chamamos de observação participante, pude conhecer os seus processos de adaptação na sua nova vida em terras portuguesas.

Acho importante salientar que eu própria sou uma mexicana que migrou para Portugal por amor. Esta situação criou empatia entre nós, facilitando o seu à vontade para partilhar a sua história comigo. As coincidências nos relatos manifestavam-se em cada pormenor, pelo que se e criou uma ponte de compreensão e identificação que não seria possível se, para além da antropóloga que a entrevistava, eu própria não fosse migrante por amor. Por esse motivo, poderiam considerar-se dois (ou mais) pontos de vista em torno da minha própria experiência enquanto antropóloga e migrante. Poderia pensar-se que se calhar a minha visão não seria objectiva por estar tão imersa no tema de investigação. Eu própria posso dizer que em alguns momentos da investigação esse facto se tornou uma desvantagem, visto que estava demasiado *à vontade* no tema e havia muitas coisas que se calhar não conseguia ver por estar tão próxima delas. Mas com o passar do tempo compreendi que a minha experiência poderia ser vantajosa, ao me permitir falar “a partir de dentro” do tema migratório, e portanto permitir-me contribuir com uma outra visão do fenómeno social para o estudo mais amplo das migrações.

Neste sentido, pode dizer-se que utilizei a auto-etnografia para entender melhor o fenómeno das migrações por amor. Carolyn Ellis y Arthur Bochner (1996), fundadores e activos promotores do género da auto-etnografia, consideraram-na como um dos caminhos por excelência para entender o significado do que as pessoas pensam, sentem e fazem.

Realizei também encontros com o grupo de mexicanas migrantes seguindo a técnica de *focus group*⁶, em todas partilhavam as suas experiências em torno a sua migração e as suas vivências emocionais neste contexto. Esta técnica foi vantajosa para o meu estudo por me permitir encontrar as características das migrantes por amor, e foi também foi muito útil para o grupo por permitir a formação duma rede de apoio entre elas, que até esse momento não tinham consciência das particularidades e similitudes das suas histórias.

Por último, quero também ressaltar a importância da pesquisa na internet como ferramenta para a investigação, muitas das conversas que realizei com as minhas informantes foram através das redes sociais virtuais como o Facebook e, conjuntamente, obtive informação importante através de questionários enviados por email. Sem a rede do Facebook não terá contactado com o grupo, não poderia fazer entrevistas e manter contactos próximos mesmo à distancia.

⁶ O *focus group*, comparado com outras técnicas e/ou métodos, proporciona uma multiplicidade de visões e reacções emocionais no contexto do grupo. Se, por um lado, pode ser considerada como acção não natural que pode inibir a espontaneidade do grupo, por outro, por ser uma acção previamente organizada e dirigida a um grupo determinado. Permite ao investigador uma maior agilidade na recolha de dados, comparativamente com outras técnicas e/ou métodos não directivos (Galego, 2005:177).

Capítulo I

Os antropólogos e o Amor

**“Sempre pensei que o amor romântico
é uma das mais curiosas,
excitantes e dolorosas experiências do ser humano.
Eu queria saber porque é que a gente vive, canta,
mata por amor e morre para vive-lo.”
Helen Fisher**

Comecei a escrever sobre migrações e quando dei por mim estava a escrever sobre o amor. Apesar do peso que tem na antropologia o estudo das relações de parentesco, o comportamento sexual, o matrimónio, a ira, o beijo, a disciplina não dedicou muito do seu tempo ao estudo do amor.

É evidente a quantidade de recursos que enquanto pessoas gastamos para *encontrar o amor*. Nas sociedades modernas o amor converteu-se numa intensa procura, na tentativa de encontrar a nossa cara metade, aquela que nos complementarás como pessoas.

Uma característica específica da sociedade ocidental dos últimos séculos é a ênfase no amor, o amor romântico e a vinculação entre amor e casamento. O momento a que chamamos modernidade leva-nos à individualização da sociedade a partir de uma configuração cultural e emocional concreta. O indivíduo converte-se de este modo numa unidade cognitiva, moral, psicológica e emocional, absolutamente isolada e isolável do resto, um eu consciente dividido em um exterior e um interior, de onde se exteriorizam as emoções (Esteban, Medina y Távora, 2005).

O antropólogo Julian López reflectiu em torno do amor como objecto de estudo e concluiu que:

O amor é uma invenção. Com este argumento quero dizer que as manifestações do sentimento amoroso tal como o definimos actualmente derivam de uma perspectiva histórica e evidentemente não é equivalente em todas as culturas. Quando digo isto tenho que reforçar também que mesmo sendo uma invenção, funciona como se não o fosse visto que o amor se nos apresenta como uma instituição essencial e eterna e por isso o inventado se torna real: tão real como é inquestionável que o coração palpita mais rápido quando alguém diz estar apaixonado. Não obstante ninguém pode assegurar que isso mudará dentro de mil anos. O amor romântico não tem mais de 3 séculos.

Pode haver algo parecido à atracção ou à ternura, mas o componente central do amor romântico que é unir a ternura à atracção física, é uma invenção ocidental (Julian Lopez, 1999).

Quero deixar claro que nesta tese não pretende fazer uma crítica ou negar a existência do amor. O conceito do amor é fundamental no meu estudo mas só para descrever o tipo de migrações em análise, onde o amor é uma motivação para acção das pessoas com quem trabalhei.

Parto do princípio que, para as minhas informantes, o amor existe e é uma vivência, inclusivamente física. Por esse motivo, nas seguintes páginas falarei do amor com a naturalidade com que falam as mulheres que migraram com essa motivação, e que considero na minha investigação.

A investigadora feminista Mari Luz Esteban num artigo publicado na revista *Ankulegi*, onde apresenta uma análise antropológica acerca do amor, propõe uma definição de amor inspirada na de Michelle Rosaldo para as emoções como pensamentos incorporados (1984:143).

Assim o amor como complexo modelo de pensamento, emoção e acção estaria constituído por um repertório de ideias, valores, capacidades e actos encarnados, que combinados e implementados de maneiras diversas, dariam lugar a processos de interacção onde existiria uma tensão entre a gratidão do “dom puro” e a reciprocidade estrita própria de outros âmbitos. Em consequência, as noções, classificações e vivências em torno do amor adoptariam formas múltiplas nas distintas culturas, grupos sociais ou indivíduos (Esteban, 2007: 72).

Considerar os sentimentos das pessoas que estamos a analisar é fundamental como escreve Hochschild: se procuramos aproximar a sociologia (antropologia) à realidade fechando um olho para não poder ver os sentimentos, o resultado será muito pobre. Precisamos de abrir esse olho e reflectir sobre o que vemos (Hochschild 2008).

Porquê o Amor como motivação para migrar?

Decidi reflectir sobre a importância do amor enquanto motivação para migrar porque AMOR é o conceito utilizado pelas próprias migrantes para definir a sua experiência: elas acreditam no mito do amor romântico e formam parte de uma sociedade que também acredita em ele – eficácia

simbólica. Elas têm no seu imaginário a tradição cultural do amor romântico fortemente perpetuada, a partir da qual contextualizam as suas relações amorosas.

Romeu e Julieta, Páris e Helena, Orfeu e Eurídice, Abelardo e Heloísa, Tróilo e Créssida, Tristão e Isolda: milhares de poemas, canções e histórias românticas atravessaram séculos, vindos da Europa ancestral, bem como do Oriente Médio, do Japão, China, Índia e de cada sociedade que deixou registos escritos. Mesmo quando não possuem documentos escritos, os povos deixaram evidências da sua paixão. Na verdade, num levantamento de 166 culturas variadas, antropólogos encontraram provas do amor romântico em 147, quase 90% delas. Nas 19 sociedades restantes, os cientistas simplesmente não conseguiram examinar este aspecto da vida das pessoas. Mas da Sibéria ao interior da Austrália e à Amazônia, as pessoas cantavam canções, compunham poemas de amor e contavam mitos e lendas do amor romântico. Muitas fazem a magia do amor — levando amuletos e encantamentos ou servindo condimentos ou preparados para estimular o ardor romântico. Alguns matam os amantes. Outros se matam. Muitos adoecem de uma tristeza tão profunda que mal podem comer ou dormir. A partir da leitura de poemas, canções e histórias de povos de todo o mundo, passei a acreditar que a capacidade para o amor romântico está firmemente entrelaçada no tecido do cérebro humano. O amor romântico é uma experiência humana universal (Fisher 2004:19).

Este é o tipo de amor que falam as minhas informantes, as suas referências acerca das relações amorosas são mais próximas da ideia de Romeu e Julieta do que da relação entre Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre⁷. Esta ideia do amor romântico foi o que tornou possível que estas mulheres migrassem, isto é, o mito do amor romântico impeliu-as a migrar.

Para realizar o seu estudo antropológico acerca do amor e tentar perceber porque amamos, a antropóloga Helen Fisher colocou um anúncio na State University de Nova Iorque (SUNI) onde solicitavam homens e mulheres que estivessem apaixonados. O anúncio começava assim:

Acabou de se apaixonar loucamente???

Helen Fisher queria saber o que havia por trás do sentimento amoroso e realizou uma investigação com 839 voluntários de diferentes idades e nacionalidades. O requisito para participar na experiência era que fossem pessoas que se tivessem apaixonado loucamente nas últimas semanas

⁷ Atrevo-me a dizer que eles formaram o casal símbolo das esperanças libertárias dos tempos modernos. Constituíram uma relação que não estava baseada nos princípios básicos do amor romântico, entre outros, a monogamia e o mito da cara metade.

ou meses, pessoas cujos sentimentos românticos fossem frescos, vivos, incontroláveis e apaixonados. Depois de seleccionar alguns homens e mulheres que responderam ao chamamento, Helen Fisher, em conjunto com outros investigadores, fez algumas experiências, realizou entrevistas e começou a fazer ressonâncias magnéticas nos cérebros dos apaixonados.

Entre outras coisas Helen descobriu que o amor é só química no cérebro e, o que para mim é mais importante, descobriu evidencia física de que algo se passa no nosso organismo quando ficamos apaixonados, as substâncias químicas alteram a nossa forma habitual de ver o mundo. Reagimos de maneira diferente quando ficamos apaixonados.

É tudo química. Cada vez que produzimos um pensamento, ou temos uma motivação, ou experimentamos uma emoção, trata-se sempre de química. No entanto, pode-se conhecer cada um dos ingredientes de um bolo de chocolate e mesmo assim gostamos de nos sentarmos a comê-lo. Da mesma forma, podemos conhecer toda a química que há por detrás do amor romântico –ainda não a conhecemos toda, mas estamos a começar a conhecê-la em parte - e ainda ser capazes de capturar toda a sua grande magia (Fisher, 2004).

Para Helen Fisher o amor romântico é um sistema primário de motivação que se fixa numa recompensa específica: o ser amado (Helen Fisher, 2004:82). O amor tem características muito próprias que fazem com que as pessoas apaixonadas possam fazer *loucuras*. Loucuras tais como mudar completamente a vida e migrar para um país estranho ao nosso só para poder ficar com a nossa recompensa: o ser amado.

Será o amor um sentimento universal ou uma invenção do ocidente? Seja como for o certo é que o amor está ali, existe e a nossa sociedade acredita nos seus mitos, e posso garantir que qualquer um dos leitores desta tese já se apaixonou e experimentou a química do amor no seu cérebro. É inegável a centralidade da experiência amorosa nas nossas vidas e a importância que a cultura ocidental lhe outorga e continua a outorgar.

Nas palavras da antropóloga: “O amor romântico tem dado à humanidade alegria infinita. Também tem contribuído muito para a sociedade em geral. Os conceitos de marido, de mulher, de pai e do núcleo familiar; os nossos costumes relacionados com o namoro e o casamento; os enredos das nossas grandes óperas, romances, peças, filmes, canções, poemas; as nossas pinturas, esculturas; muitas das nossas tradições; até alguns dos nossos feriados: biliões de produtos culturais resultam, em parte deste impulso ancestral para amar” (Fisher, 2004:213).

Nesta investigação falo do amor correspondido, as minhas informantes ficaram apaixonadas e decidiram migrar para estar ao lado do seu parceiro. É evidente que neste processo há duas pessoas que formam o casal que tomaram essa decisão de mudar de vida. Nesta tese decidi analisar, só o lado das mulheres, do se processo migratório e da sua experiência amorosa, principalmente por terem sido elas a tomar a decisão de migrar. Contudo, numa investigação futura gostava também de aceder às narrativas masculinas do amor.

Do amor romântico ao amor confluyente.

O sociólogo britânico Antony Giddens no seu livro *A transformação da intimidade* escreve uma frase semelhante à que introduz este capítulo. Ele começou a escrever sobre sexo e terminou escrevendo também sobre o amor. Analisa a história do amor romântico, situando-o no tempo e no espaço e descrevendo as suas características, para reflectir a transformação da intimidade que define as novas relações amorosas na modernidade. De acordo com o autor, na sociedade ocidental e a partir de mediados do século XX, os casais abandonam os ideais do amor romântico e começam a configurar um novo modelo que ele designa de amor confluyente.

A ascensão do amor romântico proporciona um estudo de caso das origens do relacionamento puro. Durante muito tempo, os ideais do amor romântico afetaram mais as aspirações das mulheres do que as dos homens, embora, é claro, os homens também tenham sido influenciados por elas (...). O amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo como base as qualidades intrínsecas desse mesmo vínculo. É o precursor do relacionamento puro, embora também permaneça em tensão com ele (Giddens, 1992:10)

Assim chega ao que designa por: *amor confluyente* ou relação pura. Este tipo de vivência amorosa apoiar-se-ia no que o sociólogo britânico chama de “relação pura”, baseada, por sua vez, na reflexividade que se desenvolve em todos os âmbitos sociais no nosso tempo. A relação pura baseia-se no conhecimento do outro, um conhecimento, que não é intuição e atracção como no amor romântico, mas uma procura activa da essência profunda do parceiro. É um tipo de relação que se constrói, não pressupondo que o prazer sexual e a satisfação emocional são conquistas adquiridas através da reflexividade, pois, de outra forma, provavelmente a pretensão de durabilidade se esgotará, pois o “amor confluyente” não pressupõe a infinitude.

A análise de Giddens ajuda-me a compreender as vivências amorosas que experienciam as migrantes por amor consideradas nesta investigação. O conceito de amor confluyente é útil para reflectir as fases atravessadas nos relacionamentos destes casais transnacionais. Considero que num primeiro momento as migrantes experienciam o amor romântico sendo esse ideal o que as motiva a migrar, mas com o tempo as suas relações amorosas vão-se construindo e “evoluem” para o amor confluyente. Mais à frente, na análise dos dados recolhidos durante o trabalho de campo, retomarei e ilustrarei esta ideia.

Nas linhas seguintes falarei do “mundo de hoje”, isto é, o estudo destas migrações, pelas particularidades que apresentam, não seria possíveis noutra época histórica da humanidade. As migrações que aqui descrevo surgem no contexto do amor nos tempos da globalização.

Contexto social : Globalização

Podemos definir a globalização, muito simplesmente, como a intensificação da interconexão global sugerindo a imagem de “um mundo em movimento”. Tem a ver com a abertura de processos não só económicos mas também políticos, culturais, sociais, científicos e tecnológicos. A globalização, ou melhor dizendo, as globalizações sempre existiram pelo que não são um fenómeno novo. Foram sempre acontecendo, ao longo da história da humanidade, com consequências inclusivamente comparáveis nos diferentes momentos, à medida que surgiam grandes avanços tecnológicos ao nível das comunicações, do desenvolvimento da indústria, da economia e da política (o império romano ou o tempo das descobertas das rotas marítimas). O que diferencia a época atual das outras é a escala a que se sucede a aceleração no fluxo contínuo das pessoas (migrações) e com elas a troca de bens materiais, ideias e imagens através das fronteiras nacionais, levando, conseqüentemente, a uma maior interação entre indivíduos, organizações, países e culturas.

O antropólogo Arjun Appadurai afirma que há duas coisas que caracterizam o mundo de hoje e que toda etnografia deve tomar em conta: os meios electrónicos e as migrações massivas (Appadurai, 2001:7).

Os meios electrónicos tem adquirido dimensões importantes que influem sobre muitos aspectos da vida social. O fluxo acelerado de informações, de imagens, permitiram a possibilidade de comunicação imediata, de viajar, de entrar em contacto com culturas distantes, as distâncias se

encurtam. O mundo fica mais pequeno e as culturas estão mais próximas. Este facto está ligado com outro que define o mundo do século XX: as migrações.

Appadurai defende que são poucas as pessoas que atualmente não tenham um amigo, um parente, um vizinho, um companheiro de trabalho ou de estudo que não tenha ido a alguma parte ou que esteja de volta de algum lado, trazendo consigo histórias de outros horizontes e de outras possibilidades (Appadurai, 2001:8).

Há um fluxo constante de informação e pessoas, o que nos permite “estar em todo lado”, existem ofertas de emprego que possibilitam conhecer o mundo, a Internet permite que as pessoas que têm acesso a ela possam estar em contacto com pessoas de diferentes países. Qualquer lugar do mundo é susceptível de estar perto ou de ser acessível com carácter imediato mediante o recurso das novas tecnologias da informação e da comunicação (Castells, 1996, 2001). Um par de séculos atrás uma mensagem podia demorar meses em chegar ao seu destino, hoje demoramos, por exemplo, segundos em enviar e-mails com carácter colectivo a qualquer parte do mundo.

Este território conceptual coloca-nos num cenário onde os limites e as fronteiras entre migração e mobilidade são ténues ao mesmo tempo que aumenta a sua intensidade em relação aos recursos de todos os tipos - pessoas, capitais, bens - e em que ocorrem novas relações de poder em espaços e processos sociais transnacionais (Featherstone, 1990; Appadurai, 2001).

Em relação aos processos relativos às relações amorosas humanas, têm vindo a ocorrer mudanças nas suas características principalmente devido às oportunidades que a sociedade globalizada oferece, como refere o antropólogo Roca (2006).

Atualmente, e durante alguns anos, o “mercado de casamentos” ofereceu drasticamente uma ampla gama de possibilidades, graças, principalmente, às oportunidades disponibilizadas pela chamada sociedade globalizada, ou globalização ou nova ordem mundial, a sociedade da informação ou das novas tecnologias da informação e da comunicação - e da sociedade de consumo, ou a sociedade selectiva (Roca 2006:230).

A diversidade nos encontros amorosos dentro do quadro da globalização pode servir-nos para observar o fenómeno a partir de outros ângulos. Podemos fazer uma etnografia localizada do mundo em movimento manifestando-se nas relações amorosas, sobretudo porque é importante contribuir com novos olhares para o estudo dos fluxos migratórios.

Capítulo II

Os antropólogos e as Migrações

Construir teorias para explicar a complexidade da realidade social é uma tarefa difícil. Para Joaquín Arango o fenómeno migratório é complexo, multifacetado e diverso, condição que se torna um obstáculo para o desenvolvimento de uma teoria consistente e forte sobre o assunto (Arango, 2003). Afirma que não podemos considerar como teorias as declarações feitas em matéria de migração, conceptualizando-as mais como pontos de vista úteis, acrescentando que geralmente essa fraqueza afeta as ciências sociais como um todo (Arango, 2003:19). Grandes teorias ou meros pontos de vista, o fato é que em torno da questão da imigração há vários esforços teóricos.

Nos anos sessenta, o modelo explicativo da *modernização* foi influenciado desenvolvimentos teóricos sobre a migração. A mudança da população das zonas rurais para contextos urbanos foi a condição fundamental no processo de transição do tradicional para a sociedade moderna, tendo sido parte do caminho necessário para o progresso. Neste ponto, a explicação da migração foi fortemente influenciado pela teoria neoclássica. A partir desta perspectiva, a migração é vista como uma decisão racional dos indivíduos, uma vez que eles apreciam os benefícios pessoais e os custos que a mudança pode trazer. A migração é o resultado de decisões individuais tomadas pelos atores racionais procurando aumentar seu bem-estar ao deslocar-se para locais onde as recompensas de seu trabalho são maiores do que as obtidas no seu país. Este é um acto individual, espontâneo e voluntário, com base na comparação entre a situação actual do actor e do ganho líquido esperado derivado do deslocamento, resultante de um cálculo de custo -benefício (Arango, 2003:6).

Muitos dos pressupostos e conclusões da teoria neoclássica foram criticados pela "nova teoria económica da migração laboral", cuja abordagem revela que as decisões migratórias não são unicamente produto da vontade dos atores individuais, uma vez que eles estão inseridos em unidades mais amplas de grupos humanos - famílias ou grupos familiares, às vezes comunidades inteiras, nas que se actua colectivamente para maximizar não apenas a esperança de obter novos ingressos, mas também para minimizar os riscos económicos (Durand e Massey, 2003:15). A teoria neoclássica foca-se apenas na decisão individual de migrar, não considerando o facto de que os indivíduos pertencem a uma colectividade.

Desde os anos setenta esta abordagem perde força contra o modelo da *dependência*, que tendo como eixo um sistema global baseado em abordagens marxistas a migração explica o efeito das relações estruturais de exploração. Esta visão sustenta que a migração internacional não é o resultado de escolhas individuais ou grupos de família, mas como uma consequência estrutural de expansão do mercado na hierarquia política global (Durand e Massey, 2003:25).

Este enfoque argumenta que a expansão do capitalismo nas sociedades não-capitalistas cria uma população móvel propensa a migrar, pois os países desenvolvidos buscam nas áreas periféricas mão de obra barata. Esta abordagem é compatível com os modelos actuais com base em factores de “expulsão -atração” (push-pull) em que a migração pode ser explicada como um produto da pobreza e do atraso de certas áreas que se tornam em expulsivas de mão de obra. E que respondendo a factores de atracção emitidos por áreas mais desenvolvidas oferecem vantagens sobre as nações de expulsão. Estas teorias pressupõem, liminarmente, que são os sectores mais pobres dos que se expulsa mais mão de obra, quando não sempre é assim. Eles também foram questionados por assumir que os fluxos migratórios surgem espontaneamente ante a desigualdade numa escala mundial.

Estas abordagens (a teoria neoclássica, a nova teoria económica da migração laboral e a teoria da dependência) dão muito peso aos factores estruturais que determinam as migrações. Esse facto esgota a sua força explicativa, uma vez que os movimentos migratórios não respondem unicamente, e nem sempre, a factores estruturais. Num grupo de indivíduos sob as mesmas condições de exploração, por exemplo, alguns migram e outros não. Sob essas duas perspectivas, a explicação seria insuficiente. Com o tempo, estas abordagens têm perdido o seu poder explicativo, e foram questionadas por novas abordagens que vieram a reformular o modo como pensamos a realidade migratória.

A mobilidade dos indivíduos não pode ser por tanto analisada somente com categorias bipolares e estáticas (rural-urbano, nacional-internacional, repulsão-atracção, centro-periferia, rico-pobre). O estudo das migrações viu-se enriquecido com o surgimento duma nova forma de analisá-las desde outra perspectiva: o transnacionalismo.

O Transnacionalismo

Na década de 1980 surgem novas abordagens que procuram combinar as variáveis micro e macro no estudo das migrações. E dado que a análise económica clássica se torna insuficiente, atribuem maior importância a factores sócio culturais.

O *transnacionalismo* representa uma perspectiva nova, mas não um novo fenómeno, que se debruça sobre uma migração diferente dos anos sessenta. Desafia os conceitos tradicionais de comunidade, espaço, fronteiras, indivíduos, movimento. O conceito de transnacionalismo foi introduzido para enfatizar que os migrantes constroem relações sociais que ultrapassam as fronteiras geográficas, porque se apoiam em comunidades extra locais sem limites territoriais, onde a multiplicidade de relações é sempre uma constante. Isto contrasta com a abordagem das teorias clássicas. A decisão de migrar não foi tomada de forma individual nem como resultado dum raciocínio com base nos custos e benefícios. Tampouco migravam e assimilavam a cultura receptora inserindo-se plenamente na nova sociedade. Os Migrantes mantêm uma relação contínua com o seu local de origem e reproduzem as suas próprias práticas.

Linda Basch, Glick Schiller e Blanc Szanton foram as primeiras autoras a levantar este enfoque, que os migrantes em vez de se apropriar ou ficar excluídos na sociedade de acolhimento, desenvolviam-se mantendo relações sociais em ambos lados da fronteira e construindo sobre elas, um "espaço social transnacional". Definem transnacionalismo como os processos pelos quais os imigrantes estabelecem e sustentam relações sociais de múltiplos filamentos que entrelaçam suas sociedades de origem e de residência. Chamamos a estes processos de transnacionalismo para ressaltar que muitos imigrantes constroem campos sociais que atravessam as fronteiras geográficas, culturais e políticas. Um elemento essencial do transnacionalismo é a multiplicidade de participação que mantêm nas suas sociedades de origem e nas receptoras. (Schiller Basch, Glick e Blanc Szanton, 1994:7-8).

A migração reúne agora mundos distantes através do que Roger Rouse (1991) denomina de "circuito migratório transnacional", ou seja o movimento contínuo de pessoas, dinheiro, bens e informações entre a comunidade de origem e os diferentes pontos de trânsito ou de destino. Assim, por exemplo, em aquelas regiões e comunidades onde a migração tem apresentado maior intensidade, ao longo do tempo criou-se um complexo sistema de redes de intercâmbio e circulação de pessoas, capitais, mercadorias e informações que tende a transformar os assentamentos migrantes de ambos os lados da fronteira, em uma única grã comunidade, distribuída numa infinidade de locais.

Este movimento de pessoas, bens e informação sempre existiu, mas com o desenvolvimento tecnológico e de comunicações, isto é feito com maior rapidez e menor custo. Estas práticas, actividades e intercâmbios que continuamente atravessam as fronteiras políticas, geográficas, culturais e que tradicionalmente tinham emoldurado e separado as comunidades de origem e de assentamento dos migrantes são as que dão o carácter transnacional a uma comunidade.

As comunidades transnacionais são estruturadas pelas relações sociais que borram as fronteiras, isto é, os laços sociais, e simbólicos densos e fortes possibilitam a presença de redes e circuitos nos países de origem e destino, tendo como base a solidariedade (Faist, 2000:189-222). Além disso, os migrantes realizam acções, tomam decisões e desenvolvem subjectividades e identidades inseridas em redes de relações que os conectam simultaneamente a dois ou mais Estados-nação (Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc, 1994:8), isso fortalece a comunidade transnacional .

Alejandro Portes distingue dois níveis de análise no transnacionalismo: um transnacionalismo “*a partir de cima*” que vê como as actividades transnacionais iniciadas e concertadas por actores institucionais poderosos tais como corporações multinacionais e estados (Portes, Guarnizo e Landolt, 2003:21) e “*a partir de abaixo*”: aquelas actividades que são o resultado das iniciativas de origem popular que realizam os imigrantes e os seus homólogos no país de origem (Portes, Guarnizo e Landolt, 2003:21).

Luis Eduardo Guarnizo (1999) em seu artigo "As localizações do transnacionalismo", argumenta que o transnacionalismo é multifacetado e multi-local, e a tarefa é ver como esse processo afecta as relações de poder, as construções culturais, e mais genericamente, a organização social a nível da localidade. Segundo ele, o desafio é integrar macro e micro determinantes na análise e desenvolver uma estratégia de investigação adequada capaz de capturar a complexidade dos processos transnacionais. É impossível estudar a agência não mediada, os factores estruturais são omnipresentes. A definição de uma unidade de análise apropriada é essencial para o exercício de situar ao transnacionalismo (Guarnizo, 1999: 104).

Ele sugere que são necessários mais estudos do transnacionalismo “a partir de abaixo”, ou seja, estudos que levem em consideração as diferentes formas de viver o contexto migratório, os matizes que adquire um fenómeno global, a nível local e domestico. É ali, no local, no domestico, no quotidiano, onde se revela a dimensão cultural dum fenómeno global como a migração.

Feminização da migração

Como já foi referido, actualmente os processos sociais estão a demonstrar que os fluxos migratórios tem uma tendência a feminizar-se, 49% dos migrantes no mundo são mulheres.

Dentro dos primeiros estudos acerca das migrações o imigrante típico foi perspectivado como homem e, até há três décadas atrás, a migração feminina era alvo de pouca atenção. Os estudos acerca das migrações centravam a sua atenção, como já mencionei anteriormente, nos processos económicos e durante muito tempo acreditava-se que os únicos que migravam eram os provedores de bens materiais, os trabalhadores e actores económicos é dizer os homens. Tal sucedeu porque predominava um modelo de família patriarcal que perspectivava as mulheres como dependentes dos homens, chefes de família e responsáveis pelo sustento do lar (Morokvasic, 1984). Até ao final da década de 1960, as mulheres não predominavam no mercado de trabalho, e o discurso académico em diversos domínios do saber, nomeadamente na Economia, na Sociologia e na História (Bordería e Carrasco, 1984) veiculava a imagem de que as mulheres eram economicamente inactivas, o que, por seu lado, influenciava as teorias migratórias.

As mulheres não foram centrais nos estudos da antropologia até a década dos setenta quando surge a chamada: antropologia da mulher. Os estudos das migrações começam a nutrir-se do enfoque de género e se analisa a migração trazendo aos estudos os casos concretos das mulheres que migram. O importante nestas análises não são só os dados numéricos acerca do incremento no fluxo das migrações femininas, se não o estudo das características concretas.

A partir do trabalho de Annie Phizacklea (1983) e Morokvasik Mirjana (1984) as mulheres migrantes são analisadas como indivíduos independentes e não desde a perspectiva da mobilidade masculina. O aumento no número e na qualidade dos estudos sobre a migração na década dos noventas, e até a actualidade, não só nos informa que os fluxos migratórios estão cada vez mais feminizados, também de que aumenta o numero de mulheres que se deslocam de maneira autónoma e independente, além de detectar-se que existem motivações diferentes entre homens e mulheres, ou seja, que homens e mulheres têm projectos migratórios distintos. Começam, também a generalizar-se os estudos que têm em conta a perspectiva transnacional, que para o caso das mulheres, se concentra em famílias transnacionais amplamente trabalhadas, entre outras, por Claudia Pedone (2003), em seu protagonismo como iniciadoras de redes de migratórias.

Estudos acerca do estado a população migrante a nível mundial mostram cifras interessantes para estudar o fenómeno da migração feminina actualmente. Por exemplo a Organização Internacional para as Migrações publicou o relatório Migrações no Mundo (2005) custos e benefícios da migração internacional (World Migration 2005 - Costs and benefits of international migration), em donde se enfatiza o facto da crescente participação das mulheres na migração particularmente no continente Africano e Asiático. A questão de género atravessa todo o relatório que parte da premissa de que “mulheres e homens circulam de formas diferentes na económica global (Kofman, 2003), principalmente falam do incremento da oferta laboral na área dos cuidados e da saúde (enfermeiras, empregadas domésticas). Destaca o facto de que as mulheres migrantes têm um papel cada vez mais predominante nas áreas que antes eram jogadas como masculinas, como chefes do lar e provedoras económicas, são elas as que estão a mandar remessas para os seus países de origem. Também fazem menção ao facto de que as mulheres nos circuitos migratórios são vitimas de tráfico e perfazem 70% dos estimados 25 milhões de pessoas deslocadas internamente por conflitos nos seus países de origem. O relatório OIM chama a atenção à insuficiência de análise de género no campo das migrações.

Relatórios como o de OIM e o da Comissão Mundial sobre Migrações Internacionais (Global Commission on International Migration) fazem menção ao facto de que a migração pode ser uma experiência de capacitação e êxito económico e profissional para as mulheres e nesse sentido ser um campo fértil para um mais forte poder monetário feminino, mas que pode chegar a ter o efeito oposto: as mulheres que migram para fins de casamento, trabalho domestico ou para trabalhar nas indústrias de entretenimento e do sexo, estão particularmente vulneráveis à exploração e ao isolamento social, assim como as mulheres que são traficadas. Estes problemas são reforçados quando as mulheres migrantes não conhecem a língua do país em que estão a viver ou no têm acesso às redes sociais de apoio.

Nestes estudos mesmo que se mencione o facto de que algumas mulheres estão a migrar com fins de casamento não se fala de isso com profundidade, sobre tudo por que não se conta com exemplos empíricos que possam ilustrar estas estatísticas. Os estudos tomam em conta as categorias de amor e migração mas são escassos e estão surgindo pouco a pouco.

A investigadora Andrea Hurtado Quiñones fez um estudo antropológico da transformação do conceito do amor no contexto migratório tomando como exemplo empírico o caso das paraguaias que migram por diversos motivos para Buenos Aires, Argentina. Este estudo analisa como com a migração os corpos, os sentidos e até os valores que sustentam a vida – tanto no amor, como na amizade, o compromisso e a família são susceptíveis de ser reinterpretados no contexto migratório (Hurtado, 2007). Nas palavras da investigadora que faz a sua análise a partir das histórias e relatos de vida de onze mulheres migrantes paraguaias diz que algumas mulheres entrevistadas, encontram que a migração modifica a significação que se faz das relações de casal e das formas de intercâmbio e às expectativas que entram em jogo, de modo que o processo de migração é um cenário que põe em movimento novas ideias à hora de amar.

Mulheres migrantes em Portugal

Especificamente sobre mulheres migrantes em Portugal sabe-se que está em crescimento. Há cada vez mais as mulheres imigrantes a pedirem o estatuto de residente em Portugal, contrariando os elevados valores de masculinidade anteriores. Em 2002, dos 16 361 estrangeiros que pediram visto de residência, 47% são do sexo feminino, segundo o Instituto Nacional de Estatística, com base em dados do SEF. Segundo um estudo de mulheres imigrantes empreendedoras realizado por diversos investigadores em Portugal, percebe-se, além do aumento, a diversidade nas migrações femininas em Portugal.

A partir da segunda metade dos anos 80 e, sobretudo, na década de 90, assiste-se a uma diversificação da origem dos fluxos de imigração, passando a fazer parte do espectro migratório outros grupos como os brasileiros, os indianos e os chineses, para além do reforço do peso relativo dos imigrantes provenientes dos PALOP com uma “tradição” migratória menos significativa para Portugal, designadamente São Tomé e Príncipe e a Guiné Bissau. Com a viragem do século, mantém-se esta tendência de diversificação das origens dos imigrantes. Neste novo cenário, destaca-se uma nova corrente migratória não comunitária de imigrantes da Europa de Leste, onde se destacam os ucranianos, os moldavos, os romenos (país que à data ainda não integrava a UE) e os russos. Paralelamente, regista-se uma vigorosa “segunda vaga” de imigração brasileira, distinta de um primeiro grupo por apresentar menos qualificações do que os seus conterrâneos pioneiros. Refira-se que, para além de uma nova geografia da imigração em Portugal que reduziu o peso da Área Metropolitana de Lisboa enquanto o principal foco de fixação de estrangeiros (Malheiros, 2003), ocorreu neste período alguma diversificação das formas de inserção profissional, que

passaram a incluir a agricultura, certos ramos da indústria transformadora e uma presença crescente no comércio (Malheiros e Padilla 2010:20).

Com tudo, um estudo do Observatório da Imigração⁸ acerca da situação das mulheres migrantes em Portugal, aponta para a falta de estudos que estudem e analisem as migrações femininas: Em Portugal, não abundam as investigações sobre as questões de género nos processos migratórios, estudos que sejam susceptíveis de lançar luz sobre as suas memórias e identidades, as dificuldades que sentem na habitualmente denominada sociedade de acolhimento, bem como os seus projectos de vida (2009). Em Portugal, os estudos sobre mulheres imigrantes são dispersos e pontuais, não existindo uma verdadeira continuidade de interesse pelo estudo da temática. O estudo das migrações não tem contemplado uma perspectiva de género, assumindo que as características das migrações nacionais se podem generalizar a todo o universo (Peixoto, 2006). O estudo sobre a situação actual da migração feminina em Portugal, reflecte sobre a situação de mulheres migrantes das três comunidades numericamente mais representativas no país na actualidade: brasileiras, cabo-verdianas e ucranianas. A antropóloga Joana Miranda faz o estudo a partir das entrevistas a 24 mulheres imigrantes com idades compreendidas no vasto de gerações entre 18-54 anos. As mulheres que formam parte de esta investigação vieram por muitos motivos, mas principalmente é o económico o que as impulsionou a migrar, no caso das brasileiras e as cabo-verdianas a língua também influenciou na sua decisão, também sobressai o facto de que quase todas tinham familiares que influenciaram suas decisões, algumas mais para esquecer acontecimentos tristes nos seus países de origem (como o caso de Filomena, uma mulher cabo-verdiana que teve um desgosto amoroso) e inclusive falam de que o acesso a Portugal é mais fácil em comparação com outros países Europeus.

Este estudo descreve e aprofunda nos percursos migratórios de estas mulheres e evidentemente nenhuma migrou por amor. Comparativamente com o que eu encontrei no campo, as migrações que analiso nesta tese não tem nada a ver com o tipo de migração descrito pela antropóloga Joana Miranda. Acho interessante, sobre tudo, porque o estudo que ela faz é representativo das comunidades femininas mais numerosas em Portugal.

Como já referi anteriormente, a minha questão de partida é que os grupos de mulheres migrantes mais representativos em Portugal, estão na sua maioria por motivos económicos ou por reagrupamento familiar, enquanto que as mulheres migrantes de países que não têm tanta representatividade numérica em particular vieram por amor.

⁸ Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de Integração e projectos de vida (2009).

Por exemplo no caso da população migrante que estudo nesta tese: a população mexicana migrante em Portugal é praticamente invisível, não existem estatísticas nem pormenores acerca do que fazem aproximadamente 250⁹ mexicanos em Portugal. A evidência empírica obtida no campo permitiu-me supor que de cada 10 mexicanos residentes em Portugal, 8 migraram por amor, os restantes 2 estão aqui por estudos ou por um contrato de trabalho temporal (estágios).

Assim posso afirmar que os/as migrantes mexicanos/as que moram em Portugal vieram por Amor.

Outras perspectivas para estudar as migrações

É evidente que o mundo está em constante transformação sobretudo devido ao aumento dos fluxos migratórios actuais os quais têm características próprias, as experiências dos migrantes são vastas e particulares e é preciso adequar as nossas teorias e conceitos para nos aproximarmos à realidade, tentar explicá-la ou pelo menos descrevê-la. As nossas aproximações ao fenómeno migratório começam no estudo das migrações consideradas só masculinas, motivadas por razões económicas e que obedecem a uma ordem económica mundial, sendo seguidamente implementado um conceito que modificou a nossa perspectiva “dos migrantes”; o transnacionalismo. Este enfoque trouxe novos olhares para o estudo dos fluxos e processos migratórios e, particularmente, para compreender o funcionamento e a lógica dos territórios migratórios e dos chamados circuitos transnacionais. Nestas migrações já não podemos só falar de homens que vão migrar na procura de uma vida melhor, atualmente temos que incluir as mulheres como agentes dinâmicos e como personagens principais no estudo das migrações. Neste panorama é importante ter em conta que as migrações mudam, mudam os cenários e mudam os atores, pelo que as perspectivas antropológicas têm que mudar também para conhecê-los e compreendê-los melhor.

Num artigo chamado “Towards a New Map of European Migration” o investigador Russell King tenta oferecer uma visão geral das novas tipologias e geografias das migrações:

...este trabalho não será tanto uma cartografia rigorosa mas sim uma exploração qualitativa de uma tipologia das migrações, incluindo mudanças de crise, a migração feminina independente, a migração de pessoas qualificadas e profissionais, a migração de estudantes, a migração de aposentadoria e híbridos de migração do turismo. Essas novas motivações, relativamente recentes, de que deriva a migração (o recuo das migrações de trabalhadores ligados à produção), novas

⁹ Cifra aproximada fornecida pela embaixada de México em Portugal.

flexibilidades espaço-tempo, as forças da globalização e migrações de consumo e realização pessoal. Mais do que nunca, a natureza múltipla das migrações humanas e da mobilidade espacial demanda uma abordagem interdisciplinar, sempre que possível, enriquecidos por estudos comparativos.¹⁰ (King, 2002:89).

Outros cientistas sociais tentam perceber a migração a partir de outros ângulos que possam complementar o estudo. Ramon Sarró (2007) compara a migração com uma aventura pois, diz, que a migração supõe alguns riscos.

Proponho estudar a migração a partir da centralidade da “aventura” por três motivos. Em primeiro lugar, porque a “aventura” é um conceito utilizado pelos próprios africanos para descrever a sua experiência migratória. Em segundo lugar, porque é um ângulo que convida a ver a migração desde a ótica da ação, da iniciativa e do risco, e não a partir da vitimização, trauma e desespero económico. Em terceiro lugar porque a aventura permite estabelecer um vínculo entre a experiência da emigração (Sarró, 2007:2).

O autor realizou um estudo acerca das migrações africanas e propondo-se partir de outra ótica, olhando para os migrantes como aventureiros. Ele retoma ao filósofo e sociólogo Georg Simmel.

Simmel argumenta que a aventura é um momento na vida de um indivíduo dotado de uma certa “extratemporalidade” e “extraterritorialidade”. A aventura acontece-nos e pertence-nos; nós somos os protagonistas; sin embargo, o espaço e o tempo da aventura relacionam-se de tal forma que quando a recordamos parece ter sido protagonizada por outra pessoa. A aventura é parecida com o sonho. É semelhante pelo menos em dois sentidos. Em primeiro lugar pelo seu carácter claramente externo à continuidade da nossa vida habitual e rotineira, como se se tratasse de um pedaço extraído da vida, com o seu início e fim claramente delimitados. Neste sentido, Simmel diz-nos que a aventura, por ser um todo, parece uma obra de arte. Em segundo lugar, a aventura é parecida com o sonho porque neste o protagonista age sem pensar muito na sua ação, como se esta fosse independente do momento em que acontece. O sonhador avança e a pesar do sonho – como a vida . esteja cheio de acidentes e azares, o sonhador segue sempre em frente sem que estes elementos o travem. Assim, segundo Simmel, o aventureiro vive a sua aventura com uma “segurança sonâmbula”, mais preocupado em sentir a plenitude do sentido que a aventura lhe oferece do que em pensar que algum acidente ou obstáculo pode pô-la em risco o até mesmo acabar com ela (Sarró, 2007:4).

¹⁰ King, R. (2002). Towards a New Map of European Migration. *International Journal of Population Geography*.

Esta perspectiva para abordar o fenómeno migratório é só uma amostra da ampla gama de estudos sobre a migração, é outro olhar que não pretende generalizar os migrantes africanos ou de qualquer outra nacionalidade, o autor é consciente das críticas que o seu estudo pode trazer quando escreve:

Não oponho aventura a “necessidade”, e muito menos a sofrimento. Dizer que os Africanos vêm para a Europa “por aventura” não é o mesmo que dizer que eles vêm “de férias”. Muito menos é o mesmo que dizer que em África não há necessidade de emigrar: que não hajam dúvidas de que há. Também não há dúvida de que todos os emigrantes viajam por estrita necessidade e que têm tanto direito a viajar e mudar de país uns como os outros. Tenho consciencia de que o meu discurso pode ter este efeito perverso: o de levar a pensar que as pessoas que migram por ânsia de aventura, e de legitimar que se obtêm assim muitos sofrimentos, incluindo que se fechem as fronteiras. ‘Visto que só vêm pela aventura, não é necessário deixá-los vir’, defenderia o argumento conservador inspirado pelo meu texto. A nossa insistencia em falr de sofrimento, de necessidade e de problemas económicos temu m efeito perverso: o de aceitar que há pessoas cuja viagem não se ajusta a este modelo e autorizando-nos por isso a não aceitar a sua presença. (Sarró, 2007).

Temos que considerar outros migrantes, outras razões pelas quais as pessoas migram e a presente investigação tem também a intenção de mostrar outro perspectiva para estudar o fenómeno social das migrações por amor. Tal como Ramon Sarró quero destacar que o facto de estudar as migrações por amor não me faz supor que todas as mulheres que migram o fazem dentro deste quadro. A análise pretende mostrar uma nova cara da migração sem que isto diminua a importância dos outros olhares sobre o fenómeno migratório. A pergunta central é: Que acontece se olhamos para as migrações com novas perspectivas? Estudar o caso das migrantes mexicanas que viajaram a Portugal na procura e consolidação duma relação amorosa pode conduzir a novos enfoques, novos dados para entender um fenómeno tão heterogéneo.

Migrações por amor: o conceito

O primeiro a utilizar o conceito de migrações por amor na antropologia, foi o antropólogo Jordi Roca Girona. Este investigador define as migrações por amor como um fenómeno migratório que “faz referência à busca e consolidação de um parceiro sentimental transnacional, situa-se no contexto da emergência de uma nova ordem mundial centrada em uma sociedade globalizada onde o consumo e as novas tecnologias da informação e comunicação desenvolvem um papel de destaque e, por outro lado, na transformação dos modelos e das relações de género e do próprio conceito de amor que se produz neste contexto”(Roca 2006).

É um tipo de migração que temos denominado por amor, que aparece de forma emergente a partir da década de 90 tendo como marco o surgimento da nossa ordem mundial caracterizada pela crescente importância das TIC. A exploração dos projetos migratórios das mulheres que migraram por amor, situa-nos entre a complexidade e a diversidade das experiências migratórias, uma vez que propõem abertamente a existência de motivações para migrar que transcendem o modelo que atribui as migrações a uma causalidade económica. O amor, a formação de uma família o destino ou a emancipação são, entre outros, alguns dos motivos que explicam as migrações das mulheres (Roca 2006:230).

Ao contrário das migrações motivadas “unicamente” por custo-benefício, onde se procura um lugar imaginado como melhor em condições materiais, as migrações motivadas por amor são o resultado de decisões individuais, tomadas por actores racionais (acto individual, espontâneo e voluntário). Nas migrações por amor o processo migratório é a consequência da formação do casal. Os casais estudados viveram ou estão vivendo um enamoramento e uma relação de convivência transnacional.

Os casais objeto de estudo constituem uma das demonstrações de novas formas de relação, tanto pela composição do par (mista: cada um dos seus membros nasceu e viveu, e foi socializado no país distinto do outro) como pela modalidade de contacto e aproximação em que se desenvolveu a fase inicial da relação, derivada das atuais condições do nosso mundo que favorecem a mobilidade das pessoas, tanto de forma virtual (redes telemáticas), como física (facilidade de viajar e migrações) (Roca, 2006:230).

O trabalho de Roca serve-nos, principalmente, para olhar para o fenómeno migratório num novo contexto (da vivência na experiência amorosa), o amor como a motivação para migrar. Ele, tal como eu, sugere que os migrantes não são (ou não são somente):

Pobres, incultos, analfabetos, marginais, desesperados, susceptíveis de serem explorados etc. No cenário de uma nova ordem global é preciso abandonar estas premissas produto da visão reducionista do ponto de vista económico e adoptar um novo marco teórico considerando as novas geografias e tipologias em relação com a imigração. O imigrante e a imigrante são sujeitos múltiplos e variados que podem estar fugindo duma crise mais ou menos pontual, pode ser uma mulher independente, podem ser profissionais e trabalhadores/as qualificados/as, futebolistas, estudantes, jubilados/as etc. Estará sujeito a articulações políticas, sociais, económicas, familiares e pessoais distintas que contribuiriam a que a sua situação permaneça de forma mais ou menos conjuntural ou estrutural no tempo e no espaço (Roca, 2007).

Para contextualizar as migrações por amor, Jordi Roca juntamente com outras investigadoras¹¹ fez um trabalho antropológico acerca dos matrimónios transnacionais entre espanhóis (homens) e mulheres oriundas da Europa de Leste e alguns países da América latina (Cuba e Brasil). O mais importante do estudo de Roca é que a sua investigação tornou visíveis as migrações por amor, colocou as migrantes por amor na cartografia das migrações o que estimulou a emergência de perspectivas analíticas para abordar o complexo e diverso mundo das migrações.

O nosso trabalho¹², quer pôr em relevo um tipo de migração pouco considerada, assim como as particularidades da mesma. Trata-se, para além disso, de um tipo de migração principalmente feminina, em cujas características se destacam, por um lado, a importância das motivações de género como desencadeadoras do processo e, por outro lado, a incorporação diferenciada que estas migrantes por amor realizam na sociedade de acolhimento. Estas migrações falam-nos de mulheres que realizam a aventura migratória como um processo individual com a finalidade de formar uma família ou um casal no destino. A recepção destas mulheres em Espanha será distinta da que receberiam se tivessem efetuado outro tipo de migração, pelo que as suas redes pessoais são afetadas assim como a forma como se vão ver a si próprias e serão vistas no destino em relação a outros coletivos de imigrados (Roca, 2012:687) .

¹¹ Lúdia Martínez Flores, Yolanda Bodoque Puerta, María Djurdjevic, Montserrat Soronellas Masdeu.

¹² Proyecto 766-47-05 (2006-2008) del Instituto de la Mujer: Amor importado, migrantes por amor: La constitución de parejas entre españoles y mujeres de América Latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España

Este tipo de migrações não é relevante para as estatísticas, não pressupõe grandes números, não se trata de circuitos migratórios estabelecidos onde as redes dos migrantes fluem, são migrações difíceis de localizar com características muito particulares.

A pesar de este tipo de migração não constituir uma realidade muito relevante em termos estatísticos, representa um núcleo significativo, pois supõe a tomada de decisões ativa de natureza algo distinta das presentes na maior parte do coletivo migrante. Referimo-nos, em primeiro lugar, à participação conjunta neste processo de tomada de decisões da mulher —migrante— na origem e do casal no destino, e, também, a entrada em funcionamento de um marco de gestão distinto em relação às diferenças culturais, já que a «esposa» ou par se demarca do processo de migração tradicional baseado em redes de apoio. Assim, neste tipo de migrações, a incorporação cultural e social das mulheres migrantes na sociedade de destino é direta e supõe uma imersão mais intensa e imediata, tendo consequentemente impacto nas suas redes sociais, tanto na origem como no destino (Roca, 2012:688).

Até aqui concordo plenamente com o estudo destes investigadores, mas, neste ponto quero distanciar-me das propostas avançadas pela equipa de Roca, principalmente porque creio que obtive resultados muito diferentes no meu estudo em Portugal. Acho importante salientar, uma vez mais, o facto de eu própria ser uma migrante e dessa forma a minha tese tem um olhar desde “dentro” ao contrário da investigação de Roca que fez a investigação desde “fora” - como espanhol, como “nativo” do país de acolhimento - das migrantes por amor e acho que isso influenciou os resultados e a forma de abordar a investigação.

Entre outras informações, os resultados obtidos na investigação do antropólogo Roca apontam para o facto de este tipo de migrações obedecerem mais a uma lógica de custo-benefício. De acordo com a sua investigação as migrantes que decidiram morar em Espanha com os seus parceiros tomavam a decisão motivadas por algum tipo de bem-estar económico e prestígio social. Assim, uma das conclusões da investigação de Roca é que, no fundo, as migrantes casam-se com um estrangeiro para se emancipar e conseguir melhores condições de vida.

A análise dos dados permitiu-nos dar forma a uma das hipóteses que conduziu a nossa investigação e é que um dos motivos das migrantes por amor, para se casar com um estrangeiro é emancipar-se e conseguir melhorar as condições de vida que têm nos seus países de origem. O casamento converte-se numa peculiar forma de conseguir sair do país e de deixar uma situação pessoal insatisfatória e precária a diferentes níveis. Trata-se, pois, de uma migração diferenciada e muito

penalizada socialmente nos países de chegada, onde o amor a que aludem estas mulheres é considerado como uma sorte de para a migração. Por traz do discurso do amor, esconde-se a complexidade da migração de mulheres que têm, na procura de par num país estrangeiro, uma possibilidade, entre outras, de partir em busca de novas oportunidades (Roca, 2012:692).

Este autor também defende que as migrantes por amor da sua investigação se afastaram do grupo identitário ao que pertencem por sentir pressão social pela duvida das suas historias românticas

Esta opção expõe-as a um contexto social potencialmente hostil e suspeito na valorização dos motivos da sua migração, pelo que, perante a pressão social, sentem a necessidade de reivindicar a natureza romântica da sua chegada e, em alguns casos, de afastar-se dos membros dos coletivos migrantes convencionais (Roca, 2012:692).

Na investigação de Roca a maior parte das mulheres pertencem a classes médias, e têm estudos profissionais superiores. O investigador salienta que, quase todas as migrantes por amor que entrevistaram no âmbito do projecto, conheceram os seus companheiros através de chats especializados ou, no caso das mulheres de Europa de Leste, através de agencias de turismo para casamentos.

A maior parte destas mulheres pertencem a classes médias e tiveram acesso a estudos superiores, todas conheceram os seus pares através de chats especializados e descrevem-nos situações de estabilidade e de bem-estar familiar, pessoal e profissional no país de origem (Roca 2012).

Outra característica que define o projecto migratório destas mulheres é a falta de projecto de regresso aos seus países de origem.

Enquanto que outros projetos migratórios costumam a ter data de validade, as protagonistas da nossa investigação deixaram o seu contexto familiar e social com a intenção de fazer parte de um novo grupo familiar e de uma nova rede de relações no destino. A falta de projeto de retorno é um fator estrutural para entender os campos sociais transnacionais (Suárez, 2008) que se constituem no contexto das migrações conjugais e para compreender o tipo de relações que estas mulheres estabelecem com o lugar de origem e com as redes familiares e sociais que ali deixaram (Roca, 2012:698).

Uma vez feitas as distinções e coincidências dos estudos penso que se deve retomar o conceito de migrações por amor, mas de forma matizada. Assim o conceito de migrantes por amor é fundamental nesta tese como categoria analítica para entender e interpretar as histórias das migrantes mexicanas que moram actualmente em Portugal. As migrantes por amor vão reconstruindo a cartografia no mundo, no seguinte capítulo irei descrever e aprofundar nas características das migrações por amor para explicar melhor este fenómeno social.

CAPITULO III

O caso das mexicanas migradas por amor para Portugal

As mulheres mexicanas migrantes por amor têm em comum a motivação amorosa para realizar o processo migratório. Todas elas se apaixonaram e decidiram migrar, sendo a migração a consequência da vivência amorosa e não o contrário.

Pelas características destes encontros, os casais sempre terminam num dilema. O começo é o mesmo em todos os casos:

- 1) Conhecem-se
- 2) Ficam apaixonados
- 4) Elegem o país onde vão morar juntos.

Esta classificação pode parecer um tanto simplista, mais não há nada de simples na decisão que estas mulheres migrantes tomaram depois de se terem apaixonado por um homem de uma nacionalidade e país de residência distinto.

As migrantes por amor com quem trabalhei são uma amostra da diversidade do fenómeno. As mulheres de quem falo nas próximas páginas são representativas de diversos grupos etários e também de diferentes formações profissionais. Provêm de meios urbanos e rurais, cada uma com uma história única e ao mesmo tempo cada história tem pontos em comum com as outras. Os encontros amorosos surgiram de diferentes maneiras em distintos espaços físicos e virtuais, algumas encontraram o amor durante uns dias de férias pela Europa, outras enquanto trabalhavam fora do seu país de origem e existem outros casos onde estas mulheres, encontraram a sua *cara metade* através da internet. Algumas delas moram em Portugal há 28 anos, outras chegaram há 7 meses. O que quero ressaltar é o facto de que todas estas mulheres migraram por amor, todas elas acreditam no mito do amor romântico e definem as suas histórias dentro de este marco, nesse sentido são histórias genuínas de amor.

10 mulheres /10 histórias

Antes de contar as histórias das migrantes por amor, quero apresentar uma breve descrição (idade, profissão, naturalidade e anos a morar em Portugal) delas e dos seus parceiros¹³ :

Mayra & André

Mayra têm 29 anos, é natural de Oaxaca. Estudou na Cidade do México, onde se formou em Direito. Conheceu o seu companheiro, André, através da internet numa rede social. Mora no Cartaxo, Santarém há 7 meses.

Karla & João

Karla têm 35 anos, é natural da Cidade do México onde morou até cumprir 27 anos. Estudou Línguas e depois foi para os Estados Unidos onde trabalhou cuidando de crianças. Regressar ao México e começou a trabalhar nos cruzeiros onde também cuidava de crianças enquanto percorria o mundo. Nesse emprego conheceu o João, um português de 25 anos que estudou turismo e restauração para depois entrar ao serviço nos cruzeiros. Moram nos arredores de Lisboa (Cacém) já faz 3 anos.

Sílvia e & André

Sílvia é de Guadalajara onde cursou Administração de Empresas. Tem 36 anos e morou em Portugal durante 8 anos. Vive no México há 3 meses, juntamente com o seu marido e o seu filho de 6 anos.

Zayury & Miguel

Zayury è uma mexicana originária do Estado do México, tem 36 anos e mora em Portugal desde 2009. Conheceu o seu atual marido através da rede social Hi-5 onde trocaram mensagens durante alguns meses até que decidiram encontrar-se num país neutral: Suíça.

Carmina & José André

Carmina é natural de Veracruz, tem 30 anos e mora em Portugal desde 2009. Ela conheceu J. André através da internet. Trocou mensagens com ele durante mais de dois anos até que ele viajou até ao México para conhecê-la pessoalmente. Moram juntos há 3 anos perto de Lisboa.

¹³ Nas páginas seguintes aprofundarei as histórias destas mulheres, estas linhas são somente uma maneira de as apresentar através de alguns dados “duros”.

Johana & Filipe

Johana tem 29 anos. Licenciou-se em Direito na cidade de Veracruz de onde é originária. Conheceu Filipe, o seu marido, num Chat quando praticava a língua italiana num curso que tirava na altura. Atualmente residem no México. Viveram em Lisboa durante 7 anos.

Sari & Nuno

Sari tem 32 anos e mora em Portugal desde 2005, ano em que começou a namorar com Nuno, conheceram-se no seu local de trabalho quando Sari realizava um estágio profissional. Ela licenciou-se em Engenharia, na cidade de Queretaro perto da Cidade do México. Atualmente têm um filho de um ano.

Kattia & Paulo

Kattia tem atualmente 41 anos. É originária de Cuernavaca, Morelos onde se formou no Curso de Ciências da Comunicação. Chegou a Lisboa há 9 anos. Esteve casada com Paulo, um português que conheceu durante umas férias que tirou para visitar algumas cidades da Europa. Estiveram casados durante 3 anos e depois Kattia decidiu terminar a relação mas continuou a morar em Lisboa por mais uns anos, até que há alguns meses decidiu voltar para o México definitivamente.

Adriana & Eduardo

Adriana tem 52 anos e mora há 26 em Portugal, metade da sua vida. Eles conheceram-se no México quando Eduardo morava lá. Atualmente moram no Pinhal Novo, na margem sul e têm dois filhos, Eduardo que nasceu no México com 28 anos e Celeste já nascida em Portugal com 26.

Patrícia & Pedro

Patrícia tem 56 anos. É natural da Cidade do México onde estudou no curso de Comunicações, depois de se formar viajou para a Holanda onde tirou um curso de Vídeo e Produção, foi ali que conheceu Pedro. Moram juntos na cidade de Lisboa há 28 anos, têm dois filhos que nasceram em Portugal.

De seguida falarei com maior profundidade das histórias destas 10 mulheres mexicanas que migraram por amor. Porei ênfase nas narrativas dos encontros amorosos, mas também na viagem que realizaram quando migraram, na sua situação atual, nas características das migrações por amor e, quando se aplique, nos seus possíveis projetos de retorno.

Os encontros: Histórias de Amor e Migração

No meu último barco conheci o João, conheci-o no primeiro dia, no autocarro que nos levou do hotel ao barco. Eu vi aqueles olhinhos lindos, o seu sorriso encantador e ali foi onde disse: isto é amor à primeira vista!! Era um dia desses chuvosos em Londres e lembro-me perfeitamente que fiquei apaixonada desde o primeiro dia em que o vi. (Karla, 2010)

Este é um fragmento da história de amor entre Karla e João. Karla é uma mexicana que tem 35 anos e decidiu vir para Portugal depois de se ter apaixonado por um português nos cruzeiros onde ambos trabalhavam. Conheceram-se num autocarro em Inglaterra, quando ambos entraram no cruzeiro onde tinham sido contratados para trabalhar. Depois de namorar durante uns meses decidiram que queriam permanecer “juntos para sempre”. Quando o contrato de trabalho terminou foram para o México e casaram-se.

Na investigação do antropólogo Roca, acerca das migrações por amor, ele enfatiza a diferença de idades entre os homens espanhóis e as mulheres migrantes (ucranianas, cubanas, brasileiras), essa situação pontual leva a Roca a afirmar, entre outras coisas, a sua hipótese referente ao interesse económico que motiva as migrantes por amor. Muitos dos casais que ele analisa na sua investigação têm uma diferença notória na idade e as mulheres são sempre mais novas do que os homens¹⁴. No caso de Karla e João acontece o oposto. Ela tem 35 e ele tem 25 anos, quando se conheceram no cruzeiro ele tinha 21 anos e ela 31. Ela argumenta que quando o viu pela primeira vez gostou muito dele apesar de achar que ele era muito novo.

Eu realmente gostei do que via, pareceu-me um homem muito bonito fisicamente, embora eu notasse que era... um pouco mais novo que eu, então comecei a conhecê-lo melhor, e percebi que a diferença de idades não era tão importante, eu sabia que lá dentro, era um homem maduro para a sua idade e foi assim que nasceu o meu verdadeiro amor por ele nesse barco. (Karla,2010).

A migração por amor pode acontecer em qualquer momento; qualquer local onde convivam pessoas de diferentes nacionalidades pode ser terra fértil para que “a semente do amor floresça”. No caso de Karla e João aconteceu dentro dum autocarro num país terceiro: Inglaterra. Também é o caso de Sílvia que conheceu André depois de trabalhar durante 5 anos nos cruzeiros.

¹⁴ Jordi español, 41 años casado con una venezolana 37 años. Otro español, 56 años; rusa, 26 años. La mía tiene 21 y está conmigo de 34. Otra (pareja de un amigo) tiene 27 y está con uno de casi 50. Fragmentos de entrevistas no trabalho realizado por Roca 2006.

Nestes encontros amorosos pode-se encontrar muita diversidade nas histórias, como no caso de Mayra, uma mexicana de 29 anos que mora em Portugal há quase um ano, e André. Conheceram-se numa rede social - Hi5 - trocaram mensagens durante alguns meses e depois encontraram-se no México quando André foi de férias para conhecer o país.

Conocí a André, mi novio, el año pasado en Abril del 2011, el día de mi cumpleaños... 22 de Abril. Yo ya había conocido a André por estas redes sociales, pero para mi era solo un contacto no? Un Chico de otro país con el que compartíamos música, hablábamos de nuestros países: ah! en mi país va a venir Pixies o The Cure. Me acuerdo que en marzo me envió un mensaje para decirme que iba a ir a México de vacaciones. Nos quedamos de ver en la estación del metro Hidalgo, en la línea verde, debajo del reloj. Yo me acuerdo haberlo visto bajar del vagón, yo estaba de un lado y él del otro, de repente los dos vagones se pararon y en medio de los vagones... en la ranura que hay entre ellos nos miramos... nos encontramos....(Mayra, 2012).¹⁵

Hoje em dia a possibilidade que temos de nos deslocarmos a qualquer parte do mundo é muito fácil e acessível para pessoas com alguns recursos monetários. Appadurai no seu livro *A modernidade desbordada* defende que: (...) são poucas as pessoas que no mundo de hoje não tenham um amigo, um parente um vizinho, um companheiro de trabalho ou de estudo que não tenha ido a alguma parte ou que volte de algum lado trazendo consigo histórias de outros horizontes e de outras possibilidades (Appadurai, 2001;8). Centenas de aviões partem e regressam todos os dias aos aeroportos internacionais de todo o mundo.

A história de como Kattia conheceu o português que *roubou o seu coração*, reflete a possibilidade que existe de nos cruzarmos com pessoas de diferentes nacionalidades quando viajamos para o estrangeiro. Neste caso, conheceu o seu namorado durante uma viagem pela Europa, ela programou a sua viagem utilizando uma plataforma que foi criada em internet chamada Zervas - esta associação foi criada e é gerida por um grupo de pessoas que gostam de viajar e decidiram organizar-se e criar o grupo. Zervas oferece uma agenda aos seus membros com informação de pessoas em diferentes países que estão dispostos acolher um viajante durante uns dias.

Estuve en Londres, después en Madrid, yo no iba a venir a Portugal pero mi asistente que era

¹⁵ Todas as citações são fragmentos das entrevistas que realizei com elas. As citações variam na língua em que estão escritas e essas variantes foram dadas pelas mesmas migrantes. Algumas vezes elas falavam em espanhol e outras em português.

súper amante de Madreus me decía: tienes que ir que es lindísimo Portugal. Y yo dije: bueno esta bien voy a tomar el tren. Me parecía una cosa ridícula, viajar 8 horas solo para ver una ciudad durante 3 días!. Y en Zervas te dan una agenda con los nombres de las posibles personas que te pueden recibir y yo quería estar en Lisboa y que me recibiera preferentemente una mujer, que tal vez fuera mas de mi área. Pero no podía nadie recibirme! El único que podía recibirme por el tiempo y por que no tenía trabajo era precisamente Paulo, mi ex marido. (Kattia,2012)

Estes encontros amorosos entre pessoas de diferentes nacionalidades repetem-se constantemente em todo o mundo. Estamos num Mundo que se nos apresenta como uma plataforma cheia de oportunidades. Nunca na história da humanidade estivemos num contexto mundial onde o fluxo das pessoas se dá de maneira quase instantânea. As tecnologias que temos ao nosso alcance nos transportam a qualquer parte do mundo num *click*. Estamos a viver na era das sociedades da comunicação, por exemplo, podemos estar no México e estar a comunicar com uma pessoa que mora a milhares de quilómetros de distância em Portugal, , as distâncias encurtam-se no tempo e no espaço. A possibilidade de falar e ver a alguém que não esta no mesmo espaço físico connosco é hoje uma realidade. Muitas destas relações que agora descrevo atravessaram por momentos de convivência só através das redes sociais virtuais (msn, skype etc).

Os encontros através da internet também são comuns nestas histórias de amor e migração, no caso das migrantes mexicanas desta investigação, nenhum encontro foi planeado com a intenção de namorar com alguém de outro país, não estavam na procura duma relação transnacional. Este facto diferencia o meu estudo da investigação do Roca onde as migrantes analisadas têm em comum terem utilizado *chats* especializados em encontros amorosos.

A título de exemplo, a história de Carmina descreve o encontro com o seu marido através das redes sociais na internet - Hi5- e namoraram virtualmente durante mais de um ano.

O José Carlos e eu conhecemo-nos através de uma rede social chamada -Hi5- e começámos a falar através do MSN Messenger, conversa que durou cerca de dois anos e meio. Depois de passados esses dois anos e meio, o José Carlos foi de férias a Veracruz no México, pela altura do meu aniversário e finalmente conhecemo-nos pessoalmente. Depois apresentei-o à minha família, aos meus amigos e levei-o a conhecer a minha cidade (Carmina, 2010).

Uma situação peculiar que encontrei nestas histórias de encontros e desencontros é o tabu associado a relações que começaram pela internet. Nem todas as migrantes por amor admitiram que tinham conhecido o seu parceiro através da internet. Como é o caso de Zayury, uma mexicana

de 36 anos que no início afirmava ter conhecido o seu namorado na Suíça numa viagem que ela fizera por prazer. Quando conheci Zayury, numa reunião de mexicanos, ela dizia que tinha encontrado o seu amor por casualidade num bar onde e tinha sido amor à primeira vista. Contudo, algum tempo depois ela admitiu ter conhecido Miguel através da rede social Hi5. Para ela, admitir que o seu encontro amoroso se iniciara no mundo virtual tirava credibilidade à sua história e ao amor que sentia. Só me confirmou a verdade após algum tempo de convivência. É por esta e por outras razões que acredito que ser “parte do grupo de mexicanas que migraram por amor” me possibilita poder conhecer melhor as histórias desde dentro. A convivência quotidiana que tenho com o grupo criou laços de proximidade que me possibilitaram que os seus relatos fossem mais autênticos e inclusivamente verdadeiros.

No caso das mexicanas que migraram por amor para Portugal todos os encontros foram aleatórios e fortuitos. Johana, mexicana de 29 anos, era estudante de Italiano no México quando conheceu Filipe, seu atual marido. Estávamos em 2004 e ela tinha aulas na sua cidade natal, quando a sua professora recomendou um site na internet onde poderiam conhecer pessoas para praticar o idioma.

Ao Filipe eu conheci na internet! Eu sempre gostei de línguas, nesse tempo no México, estudava italiano e a minha professora me deu o nome de um chat internacional para praticar o idioma. Um dia me perguntaram pelo chat: você tem câmara? E eu pela curiosidade naquele dia a coloquei e lá estava o Filipe com seu irmão, primeiro falou-me em Inglês e eu respondi em espanhol. Filipe diz que se apaixonou nesse momento de mi, eu acho que foi porque naquele dia eu tinha um penteado diferente, tinha extensões e o cabelo pintado: estava toda bonitinha! Eu acho que quando Filipe veio até o México e conheço-me em pessoa arrependeu! Porque uma coisa é a câmara! E outra é estar aqui olhos com olhos (Joana, 2010).

Outra situação que encontrei na pesquisa são os encontros que se produzem quando uma pessoa sai do seu país para fazer estágios profissionais no estrangeiro. A globalização dos mercados laborais e as ofertas de emprego que se abrem em países como Portugal, facilitam o contacto entre pessoas de diferentes pontos do Mundo. Assim aconteceu no caso de Sari, uma mexicana de 30 anos.

En 2005, había terminado mi licenciatura de Ingeniería, y decidí hacer mis prácticas profesionales en el extranjero, y al país para donde fui seleccionada fue Portugal. El primer día que en que comencé mis practicas ya en Portugal, vi por primera vez a aquel chico, aquel que sería el amor de mi vida, con sus grandes ojos verdes, su barbita, pero pensé para mi que aquel chico no podía ser soltero, por que era muy guapo (Sari, 2011).

No caso de Adriana, uma mulher de 52 anos que conheceu o seu marido Eduardo quando ele morava no México e trabalhava para uma empresa espanhola. Eles namoraram durante dez anos e depois decidiram migrar juntos para Portugal, atualmente vivem em terras Lusitanas há 26 anos.

Ao Eduardo o conheci no México, ele morava lá porque estava trabalhando com um grupo de espanhóis. Eu o conheci numa festa, chego perto de mi e falamos. Tempo depois começamos a namorar. Eu estava muito apaixonada por ele e casamos. Estávamos apaixonados. Ele sempre quis vir para Portugal e eu casei-me com a ideia de "juntos até que a morte nos separe", um amor para a vida toda, porque ele foi o meu primeiro e único amor (Adriana, 2011).

A história de Patrícia tem algumas características que a tornam diferente das outras, nove das dez mulheres que partilharam a sua história, tomaram a decisão de migrar num momento de impulso, foi uma decisão irracional (abordarei este tema mais detalhadamente a seguir). No caso de Patrícia, ela apaixonou-se por Pedro quando o conheceu mas decidiu protelar a decisão de migrar nesse momento, após refletir sobre a situação e se considerar muito nova e no início da sua vida profissional. Ainda assim ela admite que apesar de não ter migrado quando o conheceu, a sua decisão de migrar, alguns anos e encontros depois, também foi um momento de *loucura*.

Estoy en Portugal porque después de que termine la carrera de Comunicación en la universidad Iberoamericana fui a hacer un curso de dirección y producción a Holanda. Ahí estaba un *portuguesillo* muy simpático, que me caía muy bien y nos gustamos y todo. Pero yo decía, a ver yo vine a estudiar no a enamorarme. Eso fue en el año del 78. Después de que termine el curso me regrese a México y él se regreso aquí a Portugal y durante 6 años estuvimos separados. No nos vimos hasta que un día yo decidí venir, ahí ya habían pasado 4 años. Vine a hacer un viaje de vacaciones a Europa y dije: ay! le voy a hablar a *Pedrinho* el *portuguesinho*, a lo mejor ahí esta todavía *solterinho*! Yo tenia 22 años y él 28. Hubo un intento de parte de él, quería convencerme de que nos quedáramos en Portugal. Incluso él fue a México a conocer a mis papas y a mi familia y todo y yo dije no!. Es que si me voy con él, me voy a arrepentir para el resto de mi vida!. Ya sé que en la primera discusión se lo voy a echar en cara y no. Yo, en ese entonces, estaba trabajando en Televisa que era lo que yo quería hacer y ya me estaban dando la oportunidad de hacer las cosas que yo quería hacer. Y entonces dije no! No!. Sabes que, no puedo, esto es demasiado fuerte. Y mira que bueno que no lo hice, ya no quise ni pensar en él, porque pensaba: para que nos torturamos? mejor haz tu vida y yo la mía y adiós. Un años mas tarde, en un viaje que hice con otra amiga, hicimos un recorrido por Europa visitando amigas. Estaba una amiga que tu conoces que se

llama Daniela Romo, ella estaba en Madrid gravando un disco y platicamos y le dije: ay! mi novio, bueno mi pseudo novio, mi galán, pretendiente o como le quieras llamar esta en Portugal, ella me dijo: porque no le hablas? Dile que estas aquí y vas a saludarlo. Le hable desde Londres y él insistió muchísimo en que nos viéramos y él me dijo te voy a ver a Londres. Y estuvimos ahí y fue muy bonito y todo, pero yo decía: tengo mi vida hecha en México y otra vez dije: no. No me quede, me regrese a mi país. Y al año siguiente volví a venir con otra amiga y me dije; le voy a hablar a Pedro a ver que pasa lo vamos a saludar y esa vez él ya no pudo salir de Portugal y yo vine aquí... y en esa vez ya! En un arranque de locura me dije: si voy a estar viniendo.. para que me hago la loca si este es el hombre que mas me ha gustado, el que me enloquece, ya hice lo que quería hacer y ya estoy tranquila, ya hice lo que quise, le voy a dar un giro a mi vida, eso fue ya en 1984 cuando nos casamos en México y aquí estoy desde hace 28 anos (Patricia, 2012).

Este fragmento da história de Patrícia podia servir como argumento para uma típica *novela mexicana*, mas aconteceu na realidade, a sua história de amor está cheia de encontros e desencontros no cenário da globalização. As histórias de Kattia e Patrícia têm em comum o facto de ambas as mulheres terem tido facilidades em realizar viagens até à Europa onde iriam encontrar os seus parceiros portugueses. Como mencionei antes, Kattia encontrou Paulo em Lisboa e Patrícia conheceu Pedro na Holanda. Existe um dado curioso na história destas duas mulheres, ambas frequentaram o mesmo curso na Holanda com dez anos de diferença, e não se conheciam.

Para concluir este tema, acerca do começo da relação amorosa e da conformação dos casais transnacionais, considero haver certas similitudes nas histórias. Temos 3 encontros muito parecidos: Mayra, Carmina e Zayury, cujas semelhanças têm a ver com a forma como contataram pela primeira vez com o seu parceiro, os três relacionamentos tiveram o primeiro contacto através da rede social Hi5. Esta é uma rede muito similar à atual Facebook¹⁶, onde as pessoas criam uma plataforma virtual para estar em contacto com os seus “conhecidos”. Os usuários desta plataforma criam redes sociais de acordo com as suas preferências, a sua residência geográfica e outras afinidades. A globalização dos meios de comunicação, as possibilidades quase infinitas da internet permitem estes encontros, todos os dias milhões de pessoas partilham mensagens pela internet, a informação viaja e é partilhada em frações de segundo. A diferença entre estes encontros radica na forma como evoluíram, Mayra e André não namoravam quando ele foi de férias ao México. Eram amigos virtuais e foi somente quando se encontraram frente a frente que decidiram tentar uma

¹⁶ Esta rede social atualmente têm 950 milhões de usuários ao redor do mundo.
<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/08/facebook-registra-955-milhoes-de-usuarios-ativos-no-final-de-junho2.html>

relação amorosa. No caso de Carmina, ela sim namorou virtualmente com J. André durante uns anos até que ele foi ao México para a conhecer pessoalmente, depois veio ela para Portugal acompanhada pela mãe para conhecer a família do noivo e assim formalizaram a relação, voltando juntos ao México onde se casaram. No caso de Zayury e Miguel, eles não namoravam oficialmente, mais gostavam muito um do outro quando se encontraram na Suíça. Este encontro num terceiro país possibilitou o nascimento da relação, Miguel pediu a Zayury para ir a morar com ele para Portugal, ela voltou ao México, vendeu todas as suas pertencas e migrou por amor para Portugal.

Também nas histórias de Karla e Silvia há coincidências, ambas conheceram os seus maridos quando trabalhavam nos cruzeiros. Karla trabalhou nos cruzeiros durante 6 anos e Sílvia durante 5, conheceram aos seus atuais maridos e decidiram casar-se para poderem estar juntos. No caso de Karla e João a intenção de se casarem surgiu da expectativa de que o casamento facilitasse que, nos próximos contratos, os colocassem juntos no mesmo cruzeiro, como isto não aconteceu eles decidiram deixar este setor e morar em Portugal. No caso de Sílvia, ela e André continuarem a trabalhar juntos nos cruzeiros um ano depois de se terem casado, mas quando Sílvia engravidou decidiram deixar de trabalhar e optaram por morar em Portugal.

A possibilidade de conhecer uma pessoa de nacionalidade distinta é grande quando se trabalha nos cruzeiros. Estas duas mulheres trabalhavam para a empresa Princess Cruises que pertence à empresa multinacional Carnival Corporation, considerada a maior companhia de cruzeiros do mundo. Esta linha de cruzeiros Norte Americana emprega atualmente milhares de pessoas em todo o mundo. No interior destas cidades flutuantes convivem dia-a-dia pessoas de diferentes nacionalidades, na sua maioria são filipinos, indianos e latino-americanos.

Estas historias de amor e migração ilustram o fenómeno que estou a analisar na tese, os encontros aqui descritos servem como uma etnografia da globalização refletida nas relações amorosas. São 10 histórias que representam a diversidade dos encontros. São representativos das possibilidades que existem num mundo onde as comunicações e a forma como nos relacionamos estão a mudar. Os encontros amorosos anteriormente descritos exemplificam as possibilidades de formar uma relação amorosa na sociedade da informação (com as plataformas de redes sociais como o Hi5 ou Facebook) e exploram a facilidade que têm as pessoas atualmente para movimentar-se no espaço geográfico (através de viagens de laser ou com propósitos laborais). A possibilidade de realizar

viagens, morar noutra país por motivos laborais, e contactar com pessoas de diferentes pontos na geografia global são possíveis através das tecnologias que temos a nosso alcance.

Um facto importante a salientar é que todos estes relacionamentos começaram de forma espontânea, não são relações que foram procuradas nem através de *chats* especializados nem através de viagens com o propósito específico de conhecer a alguém. Como já referi anteriormente, em todos os casos o amor, a consolidação dum casal transnacional, foi a motivação destas mulheres mexicanas para migrar.

Seguidamente, vou falar de como o amor romântico e a ideia que as migrantes têm do mesmo as levou a tomar uma decisão que se pode considerar “irracional”. Migraram só com um projeto amoroso, com a ideia de formar um casal e nada mais, pode-se dizer que tomaram essa decisão por impulso. Quando digo que foi uma decisão irracional refiro-me ao facto de que para estas mulheres o mais importante era estar ao lado do seu companheiro, não pensaram em mais nada, não pensaram no difícil que seria morar num país diferente do seu, não pensaram que a decisão que tomaram implicava deixar a sua família, amigos e tudo o que tinham. Os 10 casais, em diferentes momentos, tiveram de decidir a resposta a uma única pergunta: onde vamos morar, no teu país ou no meu?

O amor romântico e a decisão de migrar

Nestes encontros amorosos não existe a decisão de namorar à distância, ou pelo menos esta não se apresenta como uma opção a longo prazo. Quando descobrem que estão apaixonados decidem eleger o país onde vão residir. Nesta investigação foram as mulheres que migraram, deixando para trás as suas vidas familiares e profissionais. No ponto anterior descrevi como foi o primeiro contacto entre as mulheres mexicanas e os seus companheiros portugueses e como progressivamente surgiu a relação. Neste ponto da tese descreverei o momento em que tomaram a decisão de migrar e como foi o processo.

Na história de Sari ela voltou ao México depois de terminar as suas práticas profissionais. Passado um ano Nuno, seu marido, foi ter com ela para conhecer os seus pais. Durante o tempo que estiveram separados a relação mantinha-se através de contactos frequentes facilitados pela internet e ferramentas como o Skype. Quando Nuno esteve em México formalizaram a relação e decidiram morar em Portugal.

Al final regrese a México, pero sin terminar la relación, sabíamos que conseguiríamos, gracias a Dios ya existía el Skype y los emails, y siempre estábamos en contacto. Después de casi un año de no vernos, Nuno viajo para México para conocer a mi familia y verme. Cuando él estuvo allá, decidimos que no podíamos estar más tiempo separados, y hablamos de casarnos. Seis meses después nos casamos por el civil, y seis meses después por la iglesia en México. Fue todo maravilloso. Después viajamos para Portugal, decidimos que era lo mejor, él tenía un buen trabajo en ese entonces y era más fácil para mi encontrar un trabajo aquí. Que si fue difícil? Si, si lo es, pero cuando se ama alguien, de verdad, todo se consigue superar(Sari, 2011).

Com Mayra aconteceu algo parecido, depois de se terem encontrado no México, durante as férias de André, ela decidiu vir a Portugal para estar com ele durante um curto período. Durante esse tempo ficaram ainda mais apaixonados, a relação consolidou-se e decidiram dar o passo seguinte. Mayra decidiu migrar para estar ao lado de André, principalmente porque ele tinha um trabalho fixo enquanto ela trabalhava como advogada por conta própria e estava a tirar um mestrado virtual que lhe permitia trabalhar a partir de qualquer território geográfico.

El mes y medio que estuve aquí (en Portugal) fue que platicamos y llegamos a la conclusión de que queríamos estar juntos, pero la única forma de estar juntos era haciendo algo radical: o tu te vienes o yo me voy. (Mayra, 2012).

O amor serve como uma motivação para a migração e para a vida destas mulheres, elas descrevem o amor como uma força motriz nas suas vidas. As mexicanas desta investigação ressaltam sempre a importância de estar com a pessoa amada e a importância do amor nas suas vidas.

El amor para mí es el motor, si amor nada tiene sentido y no estoy hablando nada mas del amor de pareja, hablo del amor a todo; a la vida, a ti mismo, a tu vida a lo que haces a tus hijos, hermanos, padres.. si no haces las cosas por amor y no le veo ningún sentido entonces para que las haces? (Patricia, 2012).

El Amor tiene tantas definiciones, tantos matices, es un sentimiento que te provoca sonreír, sentirte viva, sentir que todo lo puedes, amar y ser amada es lo mejor que puede existir en la vida de una mujer. Los besos, los abrazos, las sonrisas, la complicidad, la entrega, el respeto, el apoyo, el aceptar y aprender a vivir con los defectos, honrar las virtudes, la paciencia, la tolerancia, simplemente querer despertar cada día al lado de esa persona, mirarla a los ojos y decirle "Te Amo" cada día de tu vida (Karla, 2011).

Para mi, la palabra AMOR es muy compleja para definirla como tal. Es un sentimiento irracional que trae consigo una fuerza desmedida y una devoción por alguien que solo nosotros podemos ver como "especial", nace cuando sentimos atracción física y admiración hacia el otro; crece cuando es correspondido y se mantiene a base de cariño, emociones altibajos, dialogo, respeto, confianza y cooperación mutua. Así como a una planta, al amor debemos alimentarlo constantemente para que se mantenga vivo y saludable (Johana, 2011).

Para as mexicanas migrantes por amor desta investigação o amor é fundamental. Para estabelecer um relacionamento é fundamental estarem apaixonadas pelo que, após sentirem que encontraram um parceiro especial sentiram-se motivadas para migrar. A única razão da sua migração é o seu ser amado. A antropóloga Helen Fisher afirma que os obstáculos intensificam os sentimentos amorosos:

Como barcos a remos num mar agitado, homens e mulheres cavalgam as ondas da angústia e da alegria de que é feito o amor romântico. E os obstáculos intensificam essas emoções. Se o vosso amor for casado com outra pessoa, se viver do outro lado do oceano, se falarem línguas diferentes, pertencerem a grupos étnicos diferentes ou simplesmente viverem em diferentes zonas da cidade, esse obstáculo pode aumentar a paixão amorosa. Dickens disse, a tal respeito: “O amor atinge muitas vezes o seu crescimento mais luxuriante na separação e nas circunstancias mais difíceis” (Fisher, 2004:32).

As pessoas que migram por amor tomam essa decisão no que elas próprias descrevem como *um momento de loucura*. Os dados das histórias que recolhi no trabalho de campo coincidem na sua descrição deste momento, como Kattia o descreve na seguinte citação:

Yo estaba enamorada enamorada, enamorada, no hay otra palabra.... por que para hacer lo que hice!. Es que no era bueno para mi por ningún lado, sabes? Ni profesionalmente, ni económicamente ni nada! Yo no tenía a nadie aquí (Portugal), no conocía a nadie, era solo él... entonces si era lanzarme al vacio, fue una locura... la verdad. (Kattia, 2012)

Nestas histórias o componente distintivo é que a migração é o resultado da vivência amorosa, elas migram porque estão apaixonadas, não existe outra motivação a não ser estar ao lado da pessoa que amam e que as ama. Elas utilizam constantemente a palavra amor como indicativo da sua migração, neste sentido estas migrações assemelham-se mais a uma aventura do que a uma migração do tipo economicista.

Entonces lo que yo hice si fue un acto de súper amor y mi esposo si tiene conciencia. Ok, quieres mas prueba de amor que dejar todo aquello que uno ama y ha amado toda su vida, que es la familia, tu país, tu trabajo, tus amigos.. todo.. lo dejas ahí, no los abandonas, no los borras del mapa sino aquí están, ok, me voy lejos pero voy regresando, para estar contigo es porque vamos a hacer algo por amor, porque vamos a hacer crecer algo por amor y todo lo que estamos haciendo, todo es por amor (Patricia, 2012).

Mayra decidiu vir para Portugal porque achou que era a única opção que tinha para estar ao lado do homem que ama.

Migrar por amor para mi fue una opción para poder estar con la persona que amo, ósea, fue una cosa que yo escogí, él no me presiono, no me amenazo, no me chantajeo... yo vine aquí porque quería estar aquí porque quería estar con él y él siempre me demostró que quería estar conmigo y que me iba a apoyar. Él dice que quiere que yo este aquí y que nos casemos (Mayra, 2012).

A história de Adriana tem matizes muito particulares, ela conheceu Eduardo no México e casaram-se lá. Moraram no México durante 10 anos e depois decidiram vir para Portugal.

Mira yo creo que haber conocido a mi marido se há revelado lo mejor de mi vida, pues recuerdo cuando nos conocimos en México através de personas amigas en común, el vivió en México 10 años, lo que le permite tener una opinión positiva de México pues salimos de allá en el 86, recuerdo que no nos entendíamos muy bien, pero el “idioma universal” fue más fuerte, el amor. Hasta que surgió la idea de venir a Portugal y como yo no conocía ni a su familia y al país, pues fueron 2 piezas fundamentales para venir, juntar lo útil a lo agradable, venir a “Europa”, la gran curiosidad de saber como era la familia y el país de mi amor, en algún momento pensé que seria fácil, no lo ponderé mucho, lo decidimos y resolvimos vender nuestro carro, nuestros muebles y venir sin saber si me iria agradar (Adriana, 2011).

Johana migrou porque estava apaixonada por Filipe e queria estar com ele, assim deixou o México e apanhou um avião para vir morar para Portugal por amor.

(...) el amor es grande y verdadero cuando antepones las necesidades de tu pareja sobre las tuyas y darte cuenta que lo que estas haciendo es un sacrificio que puede valer la pena por el simple hecho de ver feliz a tu pareja (Joana, 2011).

Para as mulheres que migram por amor a sua decisão implica um esforço, um sacrifício, estando sempre presente no seu discurso a relevância de ter deixado toda a *sua vida* (as suas redes de apoio, a sua casa, o trabalho) no seu país de origem.

El dejar todo por amor, llámese familia, amigos, trabajo, costumbres, hábitos, habla de lo entregadas y comprometidas que podemos ser las mujeres cuando amamos a un hombre. El migrar por amor es la prueba más fehaciente de que las mujeres somos el sexo fuerte (Karla, 2011).

Para Carmina a sua relação é amor verdadeiro e justifica que ela tenha migrado.

O nosso amor é uma experiência de vida, apesar da distância e do tempo que estivemos separados. Antigamente existiam pessoas que trocavam cartas de amor, hoje em dia, trocam-se emails e conversas instantâneas. Há quem diga que o amor através da internet é impossível, mas penso que é por causa dessas pessoas nunca terem tentado conhecer alguém por este meio, ou nunca terem experimentado o amor verdadeiro. (Carmina, 2011)

Nestas narrativas verifico que 9 das 10 mexicanas que entrevistei migraram por amor após conhecerem os seus parceiros portugueses. Elas decidiram migrar e construir as suas vidas em Portugal. Patrícia migrou alguns anos depois de ter conhecido Pedro, só após ponderar e se sentir mais segura é que decidiu migrar para Portugal. No caso de Adriana quem migrou foi Eduardo, contudo não posso afirmar que ele tenha migrado por amor visto que ele já lá morava quando se conheceram. Depois veio a migração por amor na sua história quando ela decidiu vir morar com ele para Portugal.

Como já referi anteriormente o momento em que as mexicanas tomaram a decisão de migrar, pode considerar-se como um ato irracional, mais considero que o amor não é só um conjunto de sentimentos irracionais. Na história ocidental o amor sempre esteve ligado ao irracional e também ao feminino, as mulheres são seres irracionais enquanto os homens primam pela racionalidade. Por esse motivo, acredito que podemos olhar para o amor a partir de outra perspetiva, considerando que a razão e a paixão estão ligadas.

Desde os tempos dos antigos Gregos que poetas, filósofos e dramaturgos têm considerado a paixão e a razão como fenómenos separados, distintos e até opostos. Contudo, os neurologistas hoje creem que a razão e a paixão se encontram inexoravelmente ligadas no cérebro. E eu penso que essas ligações dizem algo importante a respeito de controlar o amor romântico (Fisher 2004:202).

Como descrevo ao longo deste capítulo, a migração é resultado do namoro, assim uma das características das migrantes por amor é que elas migram sozinhas, sem redes sociais de nenhum tipo, sendo a sua única pessoa de contacto o seu namorado. É por esta razão que entendo que o momento da tomada de decisão, quando elas decidem migrar, pode considerar-se irracional, porque quando o fazem não pensam nas consequências e no que significa sair do seu país, deixando tudo, incluindo as suas relações familiares.

Do amor romântico ao amor confluyente: a experiência no terreno

Para tomar a decisão de migrar posso afirmar que estas mulheres se baseiam no mito do amor romântico caracterizado como irracional. A sua base é a ideia de poder encontrar alguém que nos complemente, pelo que é um amor idealista. Depois de migrar e estabelecer-se em Portugal, estas mulheres e os seus parceiros vão construindo a sua relação amorosa que já não se baseia apenas no amor romântico. Estas relações estão mas perto da ideia proposta por Giddens de amor confluyente. Entre outras características, contrariamente ao amor romântico, o amor confluyente pressupõe finitude, isto é, não tem que ser um só amor para toda a vida, é também um amor que tem pretensão de igualdade entre géneros, que reconhece a importância da vida sexual dos parceiros, entre outras coisas.

Mais de metade das migrantes por amor desta investigação teve dois ou mais parceiros emocionais antes de se decidirem “pelo seu verdadeiro amor”. São mulheres que tinham realizado viagens, aventureiras que embarcaram em navios para percorrer o mundo, mulheres com profissões, independentes. Elas acreditam no mito do amor romântico, descrevem as suas vidas como se se tratassem de autênticos romances.

O que impulsionou as mulheres desta investigação a migrar foi a vivência da experiência de amor romântico. Primeiro apaixonaram-se e decidiram migrar, mas a relação profunda com o seu parceiro foi-se construindo pouco a pouco com o passar do tempo.

Estávamos apaixonados, mas eu acho que o amor foi surgindo com maior intensidade ao longo do tempo, com as crianças e a cumplicidade, amor, de esse que faz com que você perda a cabeça, só o senti quando estava aqui em Portugal, no México, sentia apenas borboletas na barriga! (Adriana, 2011).

Algumas destas relações não sobreviveram ao que eu caracterizo como a transição do amor romântico para o amor confluyente, tal é o caso da relação de Kattia e Paulo. Ela tem uma história de

migração baseada na ideia do amor romântico, chegando a Portugal com a convicção de ficar ao lado do seu amor “para sempre”, contudo a rotina e a convivência diária levaram ao fim da relação e não à formação de uma relação fundamentada nos termos do amor confluyente.

Se rompio aquella magia y fue horrible porque a mi se me acabo el amor, si .. se me acabo. Despues lo pienso y creo que le pude haber dado otra oportunidad... pêro éramos tan diferentes, como que despues ya vês las cosas mas reales, y pense que iba a ser siempre pedirle a él ser una cosa que no es y pedirme a mi ser una cosa que no soy (Kattia, 2012).

Quando a sua relação terminou a família de Paulo afastou-se dela e inclusivamente acusaram-na de ter estado com ele somente pelos documentos de nacionalidade. Este é um preconceito que se criou em torno das migrantes por amor: o interesse no casamento transnacional para obter os documentos que outorgam a residência ou nacionalidade no país de destino.

La familia me odio! Porque decían, su mamá decía, que había estado con él solo por los papeles. Y yo le decía: señora si hubiera sido solo por lo papeles me quedaba un poco mas con su hijo! Porque si yo mañana me quedo sin empleo o algo, no tengo el derecho de estar aquí. Me podía quedar unos meses mas con él y obtenía la nacionalidad porque ya habían pasado 3 años y podía pedirla si quería, pero no lo hice por eso, y ella me decía: ay! Es que todas mis amigas dicen eso. La señora que había sido tan linda conmigo al principio y después... (Kattia, 2012).

Das 10 mulheres ela é a única que não ficou com o seu amor. Mas existem mais histórias assim, que fui encontrando no campo e das quais não falo nesta tese. Mulheres que ficaram apaixonadas, migraram e meses depois descobriram que a história de “juntos para sempre” tem alguns matizes e nem sempre com as melhores cores.

Una vez tomada a decisão de migrar estas mulheres formalizam a suas relações amorosas através do rito do casamento, algumas como Adriana, Johana, Sari, Carmina, Patrícia, Sílvia e Karla decidiram casar-se no México e depois migrar. Elas assumem-se crentes da religião católica e para elas era importante realizar o ritual do casamento pela igreja.

Durante esse tempo, começámos a fazer planos sobre ir conhecer Lisboa e a família dele, mas também para ver se gostaria de viver em Lisboa, para ver o que decidiríamos, se faríamos a nossa vida juntos em Portugal ou no México. Oito meses depois eu já estava a viajar com a minha mãe para Lisboa, para conhecer a família e os amigos dele, bem como a cidade de Lisboa. Ficámos comprometidos, logo a seguir de visitar o Santuário de Fátima. Parti para o México para organizar o nosso casamento civil e religioso e para falar com o meu chefe, de modo a dizer que só ía trabalhar mais cinco meses, pois ia casar durante o Verão e iria viver para Portugal. Durante a organização do

meu casamento, tive muita ajuda e contribuições por parte da minha família e das minhas amigas, pois a gente pensava que era uma história de amor como as dos contos de fadas e também porque gostava muito do meu futuro marido (Carmina, 2011)

As investigadoras Bodoque y Soronellas no seu estudo *Parejas en el espacio transnacional: Los proyectos de mujeres que emigran por motivos conyugales*, analisam a importância do casamento na vida das migrantes por amor a partir do ponto de vista jurídico e familiar. Sublinham que esta posição as torna dependentes dos seus parceiros pois, como mencionado anteriormente, as migrantes que saem dos seus países como cônjuge de um estrangeiro não têm redes sociais de apoio no país de acolhimento. O casamento proporciona-lhes a inserção no enleado de relações familiares e sociais do parceiro que resolve, também, a situação económica da mulher.

De esta forma han conseguido, en cuanto llegan, los tres niveles de incorporación más difíciles para los migrantes: la incorporación jurídica, tener “los papeles”; la social, formar parte de una red de parientes y amigos en el lugar de destino; y la económica, disponer de capacidad de consumo. No obstante, se trata de una incorporación que convierte a la mujer en dependiente de su pareja y de su relación con ésta. La mujer llega para encajar en la posición social, económica y conyugal que su marido ha diseñado para ella y para sí mismo. En consecuencia, en esta situación de *incorporación dependiente*, el vivir transnacional de estas mujeres adquiere un carácter diferencial respecto al resto de migrantes (Bodoque y Soronellas, 2010:162).

Uma das dificuldades que os migrantes enfrentam é a inserção legal no país de destino. As migrantes por amor têm essa parte resolvida quando se casam com seu parceiro. O casamento permite a inserção legal no país de acolhimento e proporciona segurança na sua vida. Nesta investigação sete das mulheres em análise casaram-se no México, quando chegaram para Portugal validaram os seus documentos como acompanhantes dum cidadão português (acompanhamento familiar), sendo a instituição que se encarrega desses tramites o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Assim o casamento com um cidadão português proporciona às mexicanas residentes em Portugal a incorporação legal. Neste momento 9 das 10 mexicanas estão casadas e contam com um cartão de residência válido durante 5 anos, durante esse tempo não têm que fazer nenhum trâmite extra, gozam dos direitos que têm os cidadãos portugueses. Após 3 anos de casamento com um português, podem solicitar a nacionalidade se quiseram, ou adquirem-na automaticamente se tiverem filhos. No caso de Kattia, ela obteve a nacionalidade apenas 5 anos após o seu divórcio por razões laborais. A única migrante mexicana da investigação que ainda não casou é Mayra, atualmente está à espera que o

conservatório de Santarém aceite o seu pedido de validação de documentos para realizar o casamento.

Concluindo, o casamento facilita a adaptação destas migrantes no país de destino, principalmente porque as faz sentir seguras, além de que, em termos jurídicos, pertencem à sociedade portuguesa e podem procurar emprego, ter direito à saúde, e à educação. Num primeiro momento quando chegam ao país de destino a adaptação a nível social é difícil, sobretudo porque querem ser economicamente independentes o quanto antes, só que o facto de não saber a língua e não ter os documentos das suas habilitações profissionais validados dificulta a sua inserção no mercado de trabalho. Contudo, com o tempo as migrantes têm conseguido um certo sucesso na sua incorporação Portugal.

A vida em Portugal: adaptação e vida profissional

Um dos objetivos da presente investigação é descrever as características das migrantes por amor. Durante o trabalho de campo fui encontrando uma característica recorrente: as minhas informantes provêm da classe média no México, a maior parte das mexicanas que migraram por amor são profissionais, todas têm uma carreira universitária e 90% delas exerciam a sua profissão no México. Algumas delas moravam sozinhas e eram economicamente independentes. No caso Kattia, depois de decidir que queria ficar com Paulo durante as férias que passou na Europa, voltou para o México para vender todas as suas coisas e vir morar com ele definitivamente.

(...) voy a México un mes, vendo mis cosas, porque imagínate cuando me vine ya había montado mi departamento, con todos los muebles que yo quería! Finalmente, después de 5 años de mucho trabajo y de chinga... y decía ay Dios mio! Cuando empecé a poner las etiquetas para vender todo me entro una cosa de... y le llame y le dije: por favor dime que estoy haciendo lo cierto! Y él: ay si! Vas a ser tan feliz! Yo te quiero tanto te voy a hacer tan feliz! (Kattia, 2012).

Isto pode ser um indicativo de que as suas motivações não são económicas porque quando chegaram a Portugal só duas delas conseguiram inserir-se no mercado laboral dentro da sua área. As restantes encontram-se a trabalhar em áreas que nada têm a ver com as suas qualificações profissionais. Neste sentido sentem-se frustradas por não conseguirem desenvolver-se profissionalmente.

Para mi, si yo logro encontrar algo en que ocuparme, algo que me guste, un trabajo que me llene... eso seria lo ideal... y seguir construyendo el camino para tirarme los miedos y las inseguridades, que además se incrementan estando aquí. Estas en esa casa todo el día y a veces no te dan ganas de pensar, de hacer algo... (Mayra, 2012).

Kattia e Patrícia licenciaram-se em Ciências da Comunicação e trabalharam para cadeias televisivas importantes no México. O caso de Patrícia é relevante porque ela trabalhava fazendo justamente o que mais gostava; era produtora de telenovelas no México antes de decidir morar com Pedro, seu atual marido. Kattia diz na sua entrevista que considera que teve muita sorte quando chegou porque encontrou um trabalho de que gostava e sabia fazer dentro da área da produção e televisão.

En México era una productora de televisión con éxito en la carrera, que había trabajado mucho sabes? Para conseguirlo y estaba teniendo un lugar.. por eso venir aquí, sin saber el idioma, sin conocer a nadie del medio, mi exmarido era ingeniero.. sabes? Era completamente loco. Venia preparada a todo, venia preparada para trabajar en una tienda de ropa. Me dije ese es el precio de...de... salir de tu país. Por suerte encontré un programa de inmigración en donde necesitaban productores, gente que hacia televisión dentro de la comunidad inmigrante y yo dije: wow! Esa soy yo! (Kattia, 2012)

Para Johana que chegou a Portugal há 7 anos a situação tem sido distinta. Quando Johana chegou só conseguiu arranjar emprego na área dos cuidados de saúde de idosos, ela e o seu namorado estiveram a viver com uma senhora idosa durante dois anos e depois mudaram-se, Filipe continuou os seus estudos com a ajuda económica que a sua namorada conseguia, tomando conta de idosos no Bairro Alto em Lisboa.

Há sido muy difícil...yo estudie mucho en México y lo que hago aca no me gusta para nada, pero es lo que escogí y ni modo (Joana, 2011).

Na investigação de Jordi Roca as migrantes que entrevistou não parecem ter problemas com o facto de não encontrar trabalho ou ofertas que as levem a progredir profissionalmente. Algumas mulheres do seu estudo preferem ficar no seu lar cuidando das crianças e são os maridos que se encarregam da parte económica. No caso das mulheres mexicanas desta investigação, muitas delas tinham vidas de sucesso no seu país de origem, e inclusive vêm a migração como algo que afetou o seu desenvolvimento profissional e muitas vezes sentem-se limitadas por não poder desenvolver-se como o faziam no seu país de origem. No caso de Karla o mais difícil tem sido a inserção laboral

Yo estudié la carrera de Intérprete-Traductor, y aunque nunca me dediqué propiamente a traducir, sí utilizo el idioma Inglés en mis trabajos, como Profesora o como Asistente de Director. Aquí me ha costado mucho trabajo conseguir empleo en alguna empresa, como Asistente, Secretaria, ó Recepcionista, donde pueda utilizar los idiomas que hablo, a pesar de enviar CV a empresas o a

agencias de empleo, nunca recibí una sola llamada para entrevista. He trabajado de Profesora de Inglés y de Español, y no es nada mal pagado, al contrario, sin embargo no es un trabajo estable, no tengo prestaciones, no descuento a la Seguridad Social (tengo que arreglar eso aparte), y los grupos no están asegurados, puede haber y puede no, entonces no es una seguridad laboral, más en este tiempo de crisis en el país, las empresas no pueden o no quieren pagar cursos a los empleados. Intenté buscar empleo de maestra en alguna escuela, pero no cuento con un Certificado necesario para ser profesor aquí. Investigué la manera de conseguirlo y me encontré con algunas trabas, respecto a mi certificado, por no ser válido en este país, traté de validarlo y las Instituciones no ayudan mucho, algunas veces eso me hacía sentir “frustración” (Karla, 2012).

O caso de Patrícia também é ilustrativo da importância que estas mulheres que dão ao facto de serem independentes economicamente no país de destino. Patrícia, como referi anteriormente, era uma mulher bem-sucedida no México que se dedicava principalmente à produção numa empresa de Televisão (Televisa) muito relevante no México. Quando ela decidiu migrar teve a oportunidade de continuar a desenvolver-se na sua área durante algum tempo, trabalhando como correspondente do México em Portugal num noticiário para a sua cadeia Televisiva.

Los dos trabajamos en televisión (Pedro e ela), él trabajaba en ese entonces en la RTP y pues, fui a hablar con Jacobo Zabłudowsky y le pregunte si no le necesitaban una corresponsal en Portugal? Pues si, si es buena idea -me dijo-, háblame cuando estés allá. Y así fue, no era lo mismo porque yo en México estaba haciendo telenovelas y acá eran solo reportajes para Televisa... y no era lo mismo pero de alguna manera eran mini producciones y entonces así fue (Patricia, 2012).

Esteve a trabalhar para a televisão durante algum tempo e depois decidiu abrir um restaurante de comida mexicana em Lisboa.

El primer restaurante mexicano que hubo en Portugal fue nuestro. Esa fue mi tablita de salvación durante un buen rato. No conocían la comida mexicana y entonces me traje a mi mamá para que me ayudara!, ella venia por 3 meses y al final se quedo 9, eso me ayudo muchisimo. No la pasamos muy bien, eso fue antes de que nacieran mis hijos, ese fue mi primer hijo, se llamaba “El Sombreo”, esto fue en el 86 (Patricia, 2012).

No caso de Patrícia a abertura do restaurante e as suas possibilidades económicas permitiram-lhe sentir-se bem, mas só na sua vida privada, tendo em conta que ela nunca se sentiu completamente integrada na sociedade, no âmbito público. As suas palavras descrevem a sua situação e ao mesmo tempo também a de outras migrantes, neste aspeto encontrei muitas semelhanças nas respostas.

Fue en algunos procesos rápidos y en otros... yo creo que eterno!! Yo lo que digo es que estoy completamente adaptada a la vida portuguesa, mi deseo de adaptarme y de hacer parte de.. yo quise aprender el idioma rapidamente y saber movimentar-me en la ciudad y en ese aspecto rapidamente me adapte logre ser independiente. Pero a la forma de vida y a la forma de ser de los portugueses todavia no me siento integrada completamente, despues de tanto tiempo sigo encontrando muy diferente el tipo de sociedad de la vida mexicana y la portuguesa.. y yo soy muy mexicana. No puedo, osea si, lo he tenido que hacer.. aportuguesarme, disfrazarme de portuguesa.. pero por afuerita nada mas, sigo siendo muy mexicana por dentro y siento que la gente no acepta mucho la forma de ser tan exuberante de los mexicanos.. y te tienes que controlar, ser mas calma y no me gusta me siento falsa. Yo no se si soy yo, bueno no soy yo... he hablado con mucho extranjeros que en México se sienten súper acogidos! Y yo creo que mi problema es esperar eso aquí no nos van a tratar igual que nosotros tratamos a los extranjeros. Cuando mi marido va a México es súper bien recibido y adoptado por todos, todo mundo lo quiere llevar y pasear y traer y yo llego aquí y nadie me pela!! Nadie me hace caso.. y yo pienso: porque son así? Al principio vinieron a conocerme por curiosidad la primera vez y ya! Nadie me invito a tomar un café, a salir, a nada!. Como en México decimos: "mi casa es tu casa". Y aquí no ! aquí la casa de los portugueses es de los portugueses, aquí me pusieron una raya: esta es mi casa y tu estas del otro lado, ni siquiera perteneces a esta sociedad, a esta cultura, eres muy simpática muy linda, pero nunca vas a ser de este lado. Durante mucho tiempo yo pensé que era personal, incluso le decía a mi marido: soy yo? Les caigo mal? Porque no me aceptan. A mi nunca me integraron, nunca me invitaron... porque? Porque no soy portuguesa, para mi es muy claro. Y si me causa resentimiento, yo siempre le abrí la puerta de mi casa a todos y a mi nunca me invitaron. Durante años y años lo he intentado (Patrícia, 2012).

Após a consolidação da relação e a migração para Portugal, as mulheres tiveram problemas para se adaptar, principalmente porque não contam com redes sociais de apoio e também pela difícil inserção no mercado laboral. Não obstante muitas delas manifestam a importância de aprender a falar português para se sentirem mais adaptadas ao país.

Estando aquí el primer mes fue el único que hablamos solo en español, una de las primeras cosas que creí que era muy importante era aprender portugués, me compre un libro, un diccionario y el acuerdo con André es hablar solo en portugués hasta que yo hable bien. Y para mi ha significa sentirme mas cómoda y que los otros se sientan cómodos conmigo, para que no sientan que no entiendo. Ya hasta entiendo las piadas y el sentido de humor portugués (Mayra, 2012).

Mayra está em Portugal há 7 meses e está ainda em processo de adaptação, segundo ela, se encontrar um trabalho em que se sinta realizada poderá ficar em Portugal. No caso de Adriana, que

está em Portugal há 26 anos, a adaptação tem sido um processo difícil, mas o amor do seu companheiro tem sido um refúgio. Adriana adaptou-se com sucesso à vida laboral, atualmente trabalha como arquivista na Torre do Tombo em Lisboa e esta a finalizar um mestrado.

Adaptarte a nuevas costumbres, formas de ser y estar es un reto para nosotras, y va siempre calmando con cariños y mimos que nuestro marido da, además de que invariablemente ellos piensan que nos aguantan cuando tenemos crisis de nostalgia, porque fueron ellos el motivo de haber dejado nuestro país y familia, no sé si es bueno o malo que piensen así, porque yo siempre he dicho que no quiero que tenga pena de mi, si estamos juntos que sea por convicción y no por pena “ah! Ahora me agunto porque fue por mi que dejo su país” es un pensamiento errado, habrá quien se sienta beneficiada por eso, a mi no me agrada la idea. Talvez yo piense así después de 26 años aquí, nunca se me ocurrió pensar que estaba beneficiada en tratamiento por no haber nacido aquí. Pasando muchas fases de adaptación y de conocimiento de la sociedad o te adaptas o sufres interminablemente y aquí depende de la complicidad que tenga la pareja o que se puede iniciar con estos sentimientos. En mi caso siempre conte el apoyo de mi marido, tuvimos fases menos buenas como todas las parejas, ultrapasar es la “palabra de orden” yo acostumbraba pensar así; me iba a gustar un hombre frágil, débil, llorón, miedoso, no! Por eso pienso que a el tampoco le iria a gustar una mujer así, tenia que sobrepasar muchas cosas y con cariño y respeto todo se consigue (Adriana, 2011).

Para concluir este segmento, o mais difícil na vida destas mulheres é a adaptação à vida na sociedade portuguesa. Algumas migrantes mexicanas inseriram-se profissionalmente e em alguns casos com êxito, conseguindo desenvolver projetos e independência económica. De qualquer forma, a maior dificuldade que encontram no seu dia-a-dia é a falta dos seus familiares mais próximos, todas manifestam ter imensas saudades das suas famílias, amigos e também da gastronomia e costumes mexicanos. Estas mulheres mexicanas que moram em Portugal constroem laços transnacionais para se sentirem mais próximas ao México.

Aqui e acolá: famílias transnacionais

Os laços que unem estas migrantes ao seu país de origem são muito fortes. Para todas elas a distância é difícil pelo apego que têm ao seu grupo familiar, algumas situações são particularmente dolorosas como o caso da morte de algum parente próximo no México. As viagens entre México e Portugal são constantes e o vínculo mantém-se, constituindo famílias transnacionais onde o circuito migratório se fortalece constantemente. Uma família transnacional vive dividida em duas

unidades domesticas (como mínimo) residentes em dois países distintos. As migrantes mexicanas desta investigação vivem divididas entre dois espaços transnacionais.

Adriana fala de como foi a morte da sua irmã enquanto morava em Portugal.

En esta lapso de tiempo, una de mis hermanas se enfermo, me decían que no era nada, que ya pasaría, como todavía hoy suelen hacerlo, porque la familia en México, piensa que estamos lejos y no vale la pena preocuparnos, después de este triste episodio, cambiaron de opinión, pues yo siempre pensé que de facto no sería nada de grave, hasta que después de tanto querer hablar con ellos y no conseguirlo, me enteró que es por estarem todos en el hospital a vuelta de mi hermana que no sobreviviría. Cuando finalmente consigo hablar con mi padre, me dice “mira hija estamos todos bien, tranquilos, tu hermanita ya no sufre, porque ya esta en el cielo” crei que me moria, fue un choque para mi, tanto que perdi la noción de mi en 2 días, pues me dieron calmantes para dormir, bueno pues son de las cosas más tristes que nos pueden suceder, no poder estar a lado de tus padres o hermanos para compartir estas cosas tristes de la vida (Adriana, 2012).

No caso de Patricia, também ocorreu a morte de uma pessoa muito próxima – a sua mãe - que faleceu enquanto morava em Portugal e foi um processo muito doloroso para ela.

En el 2009 estaba en México porque mi mamá fallecio. Me entro una depresion muy fuerte, no queria saber de nadie. Ella fumaba mucho, le dio una embolia, la tuvieron que operar. Durante 2 anos la estuve acompañando en su enfermedad desde acá. Ténia 83 años (Patrícia, 2012).

Neste ponto encontrei diferenças entre as histórias das mulheres moram há mais em Portugal, por exemplo, no caso de Adriana e de Patrícia, que mencionaram durante algumas conversações informais, o facto de que quando elas chegaram a Portugal as coisas eram diferentes e não era tão fácil aceder às possibilidades de comunicação que existem atualmente, pelo que o vínculo se mantinha através de cartas esporádicas o chamadas telefónicas. Agora, por exemplo, Mayra, Sílvia, Johana, Karla mantém o vínculo com a sua família através de recursos como o Skype ou o email.

Outro fator em comum nas histórias é que algumas das mexicanas optam por trazer os familiares para passar algum tempo com elas para *matar as saudades* das suas famílias e para suprir, de alguma maneira, a falta de adaptação que sentem na vida em Portugal.

Me cerré durante mucho tiempo en mi familia en mis hijos en mi vida y yo casi todos los veranos

tenia a alguien aquí de visita! Y entonces ya.. para mi el tiempo que alguien venia de visita yo estaba acompañada. Vino desde mi abuelita, mi tía, mi prima, mi hermana, mi papa en diferentes épocas en diferentes momentos venían y yo cargaba mis pilas en ese momento, era eso lo que me mantenía, o a veces que yo iba a México, un año pasábamos navidad aquí y el otro allá y cuando no pasábamos navidad íbamos en verano. Yo necesitaba de eso una vez al año. Lisboa no era lo mismo antes!! Además antes eran solo cartitas, no teníamos Internet! Somos muy aguantadoras las mexicanas, somos muy fuertes!! (Patrícia, 2012).

Adriana trouxe a sua mãe durante alguns meses para sentir-se acompanhada e para ajudar na educação e cuidado dos seus dois filhos.

Volviendo atrás en el tiempo, Mi madre vino a Portugal en el año 1988 o 89 quiso conocer a la nieta y “matar” la nostalgia que sentía, especialmente por mi hijo, en esa altura no vivíamos mal, no nos faltava nada, pero no era lo que yo deseaba, intentaba siempre no hacer caso a esa situación, pues siempre pensé que seria temporaria, además no trabajaba, o trabajaba si en un café que teníamos e geriamos entre Eduardo, mi suegra, mi cuñada y yo (Adriana, 2012).

Neste caso também se repete a situação, Kattia trouxe as suas irmãs e mãe, para além de realizar visitas constantes ao México cada vez que precisava de sentir proximidade aos seus laços familiares de referência:

Yo tengo que ir a México, no puedo estar sin ir: lo necesito. Por suerte, te puedo decir que no tengo nada ahorrado, no tengo un peso, pero yo pude ir por lo menos cada año a México. Y pude traer a mi mama de visita, a mi hermana, a mi sobrino...sabes? Yo en eso me gaste mi dinero, si me preguntas en que se te fue todo lo que ganaste? Que hiciste? Se me fue en eso: en mantener el contacto(Kattia, 2012).

As relações que estas mulheres constroem no espaço transnacional permitem que os laços com o seu país de origem permaneçam e se reforcem constantemente. As viagens constantes e a tecnologia de comunicação ao nosso alcance permitem que isto aconteça e se gere um circuito transnacional onde circulam bens materiais, pessoas, ideais e sentimentos.

Como é evidente, as deslocações entre o México e Portugal estão condicionadas pelo fator económico, assim nem todas podem trazer os seus familiares nem viajar ao seu país de origem com a frequência que desejariam. Estas migrantes mexicanas empenharam-se na criação das suas próprias redes de apoio, em Portugal e procuraram estabelecê-las sobretudo co-nacionais. A

descrição da criação das redes sociais, serve sobretudo para analisar as migrantes por amor como pessoas independentes, que procuram uma maneira de desenvolver-se e adaptar-se ao país de destino. Elas procuram a adaptação e movimentam-se no espaço público, não se limitando ao âmbito doméstico. A seguir, descreverei a criação de redes sociais de apoio que as migrantes por amor têm construído em Portugal.

Criação de redes sociais de apoio

Devido à ausência de redes sociais de apoio, as migrantes por amor, criaram recentemente redes próprias para colmatar esta ausência. Através da auto-organização criou-se um grupo no facebook (a rede social virtual mais utilizada nos tempos que correm) chamado: Mexicanos em Portugal. A formação deste grupo promoveu o encontro e mais tarde a criação de laços de amizade que se fortaleceram e que servem agora de apoio às dificuldades na sua vida económica e emocional.

Roca descreve como as migrantes que entrevistou se afastaram dos grupos identitários aos que pertencem. No caso da minha investigação as migrantes mexicanas não só não se afastaram, como procuraram o encontro entre nacionais e criam e estimulam a continuidade desses encontros. Karla, Mayra e Zayury reúnem-se com frequência: fazem almoços nas suas casas, organizam festas de aniversário, comemoração de acontecimentos importantes na vida política e social do México, em datas como o 15 de Setembro - Dia da Independência Mexicana. Organizam-se, preparam pratos típicos de gastronomia mexicana e encontram qualquer pretexto para se encontrarem e falarem. Para estas migrantes as redes sociais de apoio que criaram entre elas são importantes no seu dia-a-dia, e são uma forma de as manter ligadas ao México.

Neste ponto devo salientar uma diferença geracional. No caso de Adriana e Patrícia, elas criaram laços de amizade com mais mexicanas através da embaixada e também conheceram outras mexicanas que iam surgindo pelas casualidades da sua vida quotidiana, por amigos ou conhecidos que as identificavam como mexicanas e as apresentavam umas às outras.

As migrantes mexicanas que estão há menos tempo em Portugal, como é o caso de Johana, Karla, Mayra, Zayury, a criação da rede começou no espaço virtual: foi no Facebook que elas iniciaram a relação de amizade. Depois de trocar ideias pela internet conheceram-se pessoalmente e continuaram a reforçar os laços através dos meios virtuais de comunicação. Contrariamente ao que aconteceu no caso das migrantes com mais de 25 anos em Portugal como é o caso de Patrícia e

Adriana.

Estas redes sociais complementam-se, em alguns casos, com as redes dos seus parceiros, a família do marido também tem destaque na vida das migrantes por amor, os pais, irmãos e amigos deles são também um apoio. As migrantes referem nas entrevistas que é importante contar com o apoio da família dos seus maridos, mas enfatizam a sua necessidade de manter a proximidade com as suas famílias no México.

Es claro que para mi no fue fácil, pues no entendía el idioma, aunque tuve bastante comprensión y amistad de personas conocidas y amigos que me ayudaron a comprender el idioma, el segundo factor; el clima para mi muy extremo, mucho frio y mucho calor, embarazada como estaba, estaba sensible, me sentía sola, aunque tenia mi marido, mi hijo y la familia de mi marido, decir que me sentía sola, era no tener a mi lado mis padres o hermanas, porque aunque a veces estes rodeada de mucha gente, te faltan aquellos que son tu complemento para estar plenamente bien, enfin que tenia que saber convivir con eso. Nos sentimos solas en aquellas fechas importantes, como lo son la navidad, año nuevo, cumpleaños, nacimientos de nuestros hijos, fechas que nos son particularmente importantes, por vezes nuestro mejor refugio es nuestro marido (Adriana, 2011).

Concluindo, a criação das redes de apoio destas migrantes é muito importante nas suas vidas. Elas não se limitaram ao espaço doméstico, procuraram a sua adaptação e sobretudo procuraram pessoas que proporcionassem segurança e apoio para as suas vidas. A internet foi uma ferramenta muito importante para a criação e manutenção destes laços, mais não foi a única. Uma vez mais, há diferenças geracionais na maneira como se constroem as redes, Patricia e Adriana recorreram mais as famílias dos seus maridos, e também aos eventos que a embaixada mexicana em Portugal realiza, onde encontram mais mexicanos que moram em Portugal como elas. As migrantes mais novas como Karla e Mayra utilizam a internet para sentir-se próximas entre elas, recorrendo a ferramentas como o skype. É importante destacar o facto de que estas migrantes por amor procuraram integrar-se em redes de apoio em vez de se isolarem da vida social relegando-se ao espaço doméstico, assim não se focaram só no seu parceiro para garantir a sua adaptação.

O projeto de retorno

Enquanto que outros projetos migratórios costumam ter prazo de validade, as protagonistas da nossa investigação deixam o seu contexto familiar e social para formar um novo grupo familiar e uma nova rede de relações no destino. A falta de um projeto de retorno é um fator estrutural para

entender os campos sociais transnacionais (Suárez, 2008) que se constituem no contexto das migrações conjugais e para compreender o tipo de relações que estas mulheres estabelecem com o lugar de origem e com as redes familiares e sociais que ali deixaram (Roca 2006).

No caso das mexicanas que estudo nesta tese, o projeto migratório para muitas delas tem “data de validade”. A maioria delas manifesta abertamente o seu desejo de voltar ao México, inclusivamente, este ano (2012) dois dos casais desta investigação voltaram para o México para se estabelecer definitivamente lá, depois de ter morado em Portugal mais de 6 anos.

Após decidirem ir para o México definitivamente, Sílvia e André venderam todos os pertences que tinham em Portugal (incluindo uma sex shop que era gerida por André). Mudaram-se e passado pouco mais de um mês, Sílvia já tinha emprego no México, encontraram uma casa e inscreveram o seu filho André de 6 anos numa escola primária no México.

Johana e Filipe decidiram ir morar para o México há algum tempo. Sempre foi um projeto que tinham em mente. Enquanto Filipe tirava o seu curso de fotografia, Johana trabalhava no cuidado de idosos e poupava dinheiro que enviava para México com a intenção de estabelecer um negócio próprio (que estava ao cuidado da mãe) e com a ideia de voltar para o México e ser ela própria a geri-lo. Há alguns meses largaram tudo e migraram para Veracruz, a terra natal da Johana onde planeiam estabelecer-se definitivamente. Para eles o mais importante é permanecer juntos como casal.

No me importa si es en México, en China o en donde sea, quiero estar siempre con Filipe, somos jovenes y podemos vivir donde queramos, siempre y cuando estemos juntos (Johana, 2012).

Neste momento, também Kattia vai voltar para o seu país de origem, depois de 9 anos a morar em Portugal que incluem 3 anos de casada com seu ex-marido, pois decidiu que era o momento de voltar “para sua casa”.

Entretanto, os outros casais da investigação continuam com as suas vidas em Portugal sem descartar a possibilidade de voltar para o México onde acham que poderiam ter mais oportunidades de emprego além de estar com as suas famílias mexicanas.

En resumen, la vida laboral como extranjera en Portugal (dejo claro que hablo por mí y por ejemplos de gente conocida), no es fácil. No tengo tanta oportunidad de empleo como tenía en mi

país, los salarios son muy bajos y con las reformas laborales y la crisis, ha ido disminuyendo más la oportunidad de progresar. Trabajo simplemente para distraerme y para llenar un poco más el “jarrito” en casa, ya que considero que nunca podría proveer los gastos de una casa trabajando aquí, afortunadamente mi esposo trabaja y sus padres nos han ayudado mucho a salir adelante. Es por esta razón que muchas veces he pensado en la posibilidad de regresar a mi país, aunque sepa que las cosas no están tan bien de aquél lado tampoco, siento que tendría más oportunidad o me sentiría más “a vontade” de buscar trabajo. Y estoy segura que mi esposo como extranjero, con los idiomas que habla, allá él también tendría buena oportunidad, además de regresar al lado de mi familia, mi cultura, mis tradiciones y gastronomía que tanto me hacen falta! (Karla, 2012)

O facto de que este ano dois dos casais analisados nesta tese voltaram para o México evidentemente não é casualidade. Atualmente Portugal atravessa um período de crise económica profundo, as medidas de corte dos ordenados, a cada vez mais difícil inserção na vida laboral, são elementos que pesam na decisão destes casais para migrar. Hoje em dia o número de pessoas que ficam sem emprego e sem oportunidades para desenvolver-se profissionalmente está a aumentar, pelo que a situação não é fácil para estes casais no Portugal. Os casais transnacionais têm a opção de morar em dos países, neste caso após experimentaram morar em Portugal, regressam para o México onde acreditam ter mais possibilidades de sucesso económico e pessoal.

Viendo como están las cosas, decidimos irnos. Yo me voy con él a China si es necesario!! No me importa en que país estemos, lo único que me importa es estar con él toda mi vida (Johana, 2012).

Conclusões: uma porta aberta.

Com a análise exposta anteriormente, pretendi, em primeiro lugar, colocar no mapa das migrações as migrantes por amor. Quis também expor as características deste tipo de migrações para as poder analisar à luz de outra perspectiva: uma análise que olhasse para as migrantes a partir de um ângulo que não fosse somente o económico. Acredito ter conseguido, através da etnografia, dar conta da diversidade de histórias e características próprias destas migrantes e também mostrar que há motivações “irracionais” como a do amor por trás das decisões de migrar.

Através desta investigação trouxe para a discussão teórica o conceito do amor. Acho que faz falta falar mais de amor nos nossos estudos, seja a partir de uma ótica crítica ou simplesmente como um

facto constituinte da nossa vida diária. Nas palavras do antropólogo Bronislaw Malinowski no seu estudo sobre os habitantes da Ilha Trobriand:

O amor é uma paixão, tanto para o melanésio quanto para o europeu, e atormenta a mente e o corpo em maior ou menor extensão; conduz muitos a um impasse, um escândalo ou uma tragédia; mas raramente, ilumina a vida e faz com que o coração se expanda e transborde de alegria (Malinowski, 1929:69)

Falar de amor nos estudos de rigor académico pode abrir-nos mais portas para olhar para os fenómenos de maneiras distintas, como no caso desta investigação, em que parti da ideia do amor como motivação para migrar e encontrei matizes no fenómeno migratório. Atualmente estou certa de que milhares de pessoas estão a viajar pelo mundo por amor e continuarão a fazê-lo.

Com a análise apresentada nesta tese é possível conhecer melhor as características que definem as migrantes mexicanas em Portugal: 1) são as mulheres que mais migram por amor, 2) migram com um projeto individual, 3) são, na sua maioria, mulheres qualificadas profissionalmente, 4) provêm, na sua maioria, da classe média mexicana, 5) carecem de redes sociais de apoio no país de destino, 6) a decisão de migrar é motivada pelo amor como ação, 7) procuram a inserção laboral no país de destino, 8) criam redes sociais de apoio, 9) o seu projeto migratório contempla um possível retorno ao México.

Creio que cumpri os objetivos definidos para esta dissertação. Consegui exemplificar as migrações por amor através de uma etnografia que descreve as histórias de amor e migração em contexto de globalização. Esta investigação fornece as características das migrantes por amor, e assim, é possível tipificá-las e por sua vez diferenciá-las da ampla variedade de estudos das migrações humanas nas ciências sociais. Com isto introduzi uma nova forma de olhar para o fenómeno migratório a partir da perspetiva das motivações amorosas e da consolidação de casais no espaço transnacional.

As características refletidas a partir deste fenómeno das migrações por amor podem ser úteis para observar estes migrantes com outro olhar. A título de exemplo podemos aprofundar a forma em que estas mulheres criaram as suas próprias redes sociais nos países de destino, salientando que estas mulheres não ficaram no espaço doméstico, e que tentam ser independentes económica e socialmente formando os seus próprios grupos para interagir. A diversidade nos encontros

amorosos também é importante, os espaços em que os namoros surgiram são diversos e dão matizes a cada história. As diferenças geracionais também têm que ser consideradas para aprofundar na análise das migrantes e as suas formas de adaptação à sociedade portuguesa.

A contribuição desta tese, um estudo exploratório, é introduzir uma nova cor ao mapa geográfico das migrações, ao descrever o fenómeno e as características das migrantes por amor. de forma a mostrar a complexidade e multiplicidade das dimensões deste fenómeno social.

Por outra parte quero reafirmar a importância que o trabalho realizado pelo antropólogo Jordi Roca e as investigadoras Lúdia Martínez Flores, Yolanda Bodoque Puerta, María Djurdjevic, Montserrat Soronellas Masdeu, teve para a minha investigação. Serviu-me de base para expôr a experiência das mexicanas que migraram por amor para Portugal e nesse sentido foi fundamental como ponto de partida para realizar a investigação que descrevo nestas páginas.

Apesar de ter cumprido os objetivos definidos, muito caminho ainda se poderá percorrer. A minha intenção era analisar o fenómeno e utilizar a minha experiência como migrante por amor para analisá-lo. Agora as portas estão abertas e poderei mais facilmente aprofundar a análise deste tipo de processos migratórios.

Neste estudo analiso o caso de 10 mulheres mexicanas, mas a medida que passa o tempo continuo a encontrar mais casos. Há uma semana, por exemplo uma mexicana escreveu-me pelo Facebook para apresentando-se e dizendo que tinha chegado há pouco tempo a Portugal e tinha vindo igualmente por amor. Também através da rede virtual encontrei uma mulher chamada Cecilia que tem 48 anos e migrou para Portugal há 6 meses juntamente com seus filhos adolescentes; paralelamente existem os casos de Jazmin, Veronica, Leslie, Isis, Diana e muitas mulheres mas que por falta de tempo não incluí na investigação. Mas quero dizer que cada vez que chega uma mexicana e confirmo que a motivação da sua migração foi o amor: *o meu coração se expande de alegria*. Sobretudo porque com a evidência empírica, posso confirmar a minha teoria acerca da percentagem de mulheres que migram por amor.

Fica em aberto também a possibilidade de fazer um estudo mais abrangente acerca dos filhos destas migrantes, sobre as questões de identidade que derivam do facto de serem filhos de casais transnacionais, sobre as formas como eles se adaptam (ou não) ao país de residência entre outras questões.

O estudo fica em aberto e pelas características que apresenta é algo que se pode fazer com casais transnacionais de qualquer nacionalidade explorando as similitudes e diferenças que possam apresentar. No futuro procurarei continuar a investigar este fenómeno social das migrações por amor em Portugal abordando mais nacionalidades e eventualmente fazer como antropóloga Helen Fisher e colocar um anúncio nas paredes do aeroporto internacional de Lisboa a dizer :

Acabas de migrar por amor?? Vem! Quero conhecer a tua história.

De referir que na minha precária trajetória laboral em Portugal tive a oportunidade de trabalhar num *call center* onde laboram principalmente latino americanos pois a sua tarefa é atender o publico espanhol que mora em Espanha. Creio que é um campo fértil para seguir com o estudo. Em Lisboa os latino americanos, são socialmente invisíveis pelo que, encontrar mais de 30 num só lugar representa uma oportunidade única para fazer uma análise. Neste local trabalham na sua maioria mulheres da Colômbia, Peru, Cuba e Venezuela. Para a minha surpresa 90% delas migraram por amor. Migraram para construir um matrimónio transnacional com um português. Espaços como este prestam-se à análise e creio que fazer etnografia com estas mulheres podia apresentar mais informações sobre o fenómeno das migrações por amor ampliando o campo de análise para mulheres de diferentes partes de América Latina.

Fica pendente também uma análise mais profunda das narrativas masculinas sobre amor. Quando realizava a investigação pude fazer entrevistas aos maridos portugueses das mexicanas que analiso na tese. Encontrei fenómenos muito interessantes como a língua com que falavam os informantes, quando falavam de situações do dia-a-dia e faziam um esforço para comunicar comigo em espanhol, mas quando falávamos de questões mais pessoais como uma situação pontual de divórcio familiar, eles mudavam de língua e falavam unicamente em português. Era uma situação quase que automática, de facto eu só reparei nesta questão ao transcrever as entrevistas. Assim, noutra estudo gostava de aprofundar na análise da língua partindo da pergunta: em que língua falas, quando falas de amor?

Estas portas ficam abertas para posteriores análises. Por agora a tese serve para ilustrar e caracterizar as migrantes por amor e para salientar a relevância que estas têm no estudo dos encontros multiculturais na globalização. Os casais transnacionais são um exemplo que serve para ilustrar a convivência entre membros de duas culturas com costumes diferentes. Com o encontro

de culturas também pode surgir a compreensão e no cenário amoroso pode surgir também a empatia e o reconhecimento pela diferença.

Para terminar quero dizer que: falar do amor em tempos de guerra, numa época onde o capitalismo devastador está a impor cada dia mais severamente o individualismo como regra única, num jogo onde se salva quem puder, o amor é uma lufada de ar fresco. Falar de amor é também falar de solidariedade, as sociedades ocidentais precisam de criar redes de solidariedade e nesse sentido também de amor, o amor faz com que as pessoas que o experimentem procurem o melhor para os outros, isto pode parecer utópico mais creio que é fundamental ter e procurar por mais amor nas nossas vidas, amor pelos outros, amor pela natureza. Olhar para o amor como um ato revolucionário. Precisamos de análises profundas acerca do amor como um vínculo humano que está presente em diversos âmbitos sociais, como o cenário da migração por exemplo. O amor como uma forma de resistência perante as políticas do mercado neoliberal onde as emoções se movimentam segundo as leis do mercado, porque o amor, ou pelo menos o imaginário do amor, supõe relações de harmonia onde o que se procura é o bem comum. Nós, e as nossas sociedades estamos a precisar urgentemente de novas formas de nos relacionarmos uns com os outros e o amor como emoção de base unificadora pode funcionar.

Bibliografia

Appadurai, Arjun (2001), *La modernidad desbordada: Dimensiones culturales de la globalización*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.

- Arango, Joaquín (2003) “La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra”, *En migración y desarrollo*, num. 1, Octubre, 2003 pp. 4-22.
- Bodoque, Yolanda e Montserrat Soronellas (2010) “Parejas en el espacio transnacional: Los proyectos de mujeres que emigran por motivos conyugales”, *Migraciones Internacionales*, ISSN-e 1665-8906, Vol. 5, Nº. 3, 2010, págs. 143-174.
- Castells, M. (1996) *La era de la información*. Madrid: Alianza.
- Castells, M. (2001) *La galaxia Internet*. Barcelona: Plaza&Janés.
- Clifford James. (1997) *Itinerarios transculturales*. España. Gedisa.
- Clifford e G. E. Marcus (1986) *Retóricas de la antropología*, Madrid, Ediciones Júcar.
- Durand, Jorge e Douglas S. Massey, (2003) *Clandestinos. Migración México- Estados Unidos en los albores del siglo XXI*. México. Universidad Autónoma de Zacatecas, Miguel Àngel Porrúa.
- Ellis, Carolyn e Bochner, Arthur P. (1996): *Composing ethnography: Alternative forms of qualitative writing*. Walnut Creek, CA: Altamira Press.
- Esteban, Mari Luz, Rosa Medina e Ana Távora, (2005), *¿Por qué analizar el amor? Nuevas posibilidades para el estudio de las desigualdades de género*, Sevilla, FAAEE-Fundación El Monte-ASANA.
- Esteban, Mari Luz (2007) *Algunas ideas para una antropología del amor*, *Ankulegi-Revista de Antropología Social* 11, pp. 71-85
- Faist, Thomas, (2000) “Transnationalization in international migration: implications for the study of citizenship and culture”. *Ethnic and Racial Studies*, vol. 23, no. 2, Marzo. pp. 189-222
- Featherstone, M. (1990) *Global Culture. Nationalism, Globalization and Modernity*. Londres: Sage
- Fiser, Helen (2004) *Porque amamos? A natureza e a química do amor romanctico*, Lisboa, Relógio D'Água.
- Galego, Carla e Alberto A. Gomes “Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como

instrumento de investigação”, *Revista Lusófona de Educação*, 2005, 5, 173-184

Geertz, Clifford (1999), *Desde el punto de vista del nativo: sobre la naturaleza. En: Conocimiento Local. Ensayos sobre la interpretación de las culturas*, Barcelona Paidós,.

Geertz, Clifford. (1994) *Conocimiento local. Ensayos sobre la interpretación de las culturas*. España. Editorial Paidós.

Giddens, Anthony (1995). *Transformações da Identidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Celta, Oeiras

Glick Schiller, Nina, Linda Basch e Cristina Szanton Blanc. 1994. *Nations Unbound: Transnational Projects, Post-Colonial Predicaments and De-Territorial Nation-States*. Langhorne, PA: Gordon & Breach.

Guarnizo, Luis Eduardo y Smith, Michael, (1999) “Las localizaciones del transnacionalismo” en Mummert Gail (ed). *Fronteras Fragmentadas*, Zamora, México. CIDE, El Colegio de Michoacán. pp. 87-112.

Guber, Rosana (1981) *La Etnografía: Método, campo y reflexividad*, Bogota, Grupo editorial Norma

Glick Schiller, Nina, Linda Basch e Cristina Blanc-Szanton, (1992) “Transnationalism: A new analytic framework for understanding migration”, en Nina Glick Schiller, Linda Basch y Cristina Blanc-Szanton (eds.), *Towards a Transnational perspective on Migration. Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered*, Nueva York, E.U.A. The New York Academy of Sciences. pp. 1-24.

Hurtado, Andrea Quiñones (2011) “La migración trastoca las nociones de amor y fidelidad. Paraguayas en Buenos Aires. Impacto de la migración en la visión del amor romántico”, comunicação apresentada no IV Coloquio Interdisciplinario Internacional: Educación, Sexualidades y Relaciones de Género. Noviembre de 2011 Buenos Aires.

King, R. (2002) “Towards a New Map of European Migration”, *International Journal of Population Geography*, 8: 89-106.

Kofman, E. (2003), *Women Migrants and Refugees in the European Union. The economic and social aspects of migration*, Brussels, Belgium, European Comission and OECD.

Malheiros, Jorge e Beatriz Padilla, (2010) *Mulheres Imigrantes Empreendedoras*, Lisboa, Equipa editorial: Organização Internacional para as Migrações em parceria com o Centro de Estudos.

Geográficos, Universidade de Lisboa e colaboração do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, IUL-ISCTE.

Miranda, Joana (2009) *Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de Integração e projectos de vida* Lisboa. ACIDI.

Disponível em http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos_OI/OI_35.pdf

Morokvasic, M. (1984) “Birds of passage are also women”, *International Migration Review*, 18 (4): 886-907.

OIM World Migration 2005 - Costs and benefits of international migration disponível em http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/published_docs/bo oks/wmr_sec02.pdf

Pedone, C. (2003) *Estrategias migratorias y poder. “Tu siempre jalás a los tuyos”*. Quito: Abya Yala. PMCD.

Pedone, C. (2003) ““Las relaciones de género en familias ecuatorianas dentro del contexto migratorio internacional hacia el estado español”” *Treballs de la Societat Catalana de Geografia*, 56: 79-106.

Peixoto, João, (2006) *Mulheres Migrantes: Percursos Laborais e Modos de Inserção Socioeconómica das Imigrantes em Portugal* SOCIUS, ISEG/UTL, 2006

Phizacklea, A. (1983) ““Migration and globalization: a feminist perspective””. En Koser, K. y Lutz H. (eds.) *The New Migration in Europe: Social Constructions and Social Realities*. Basingstoke: McMillian. 21-38.

Portes Alejandro, Luis Guarnizo e Patricia Landolt, (2003) “El estudio del transnacionalismo: peligros latentes y promesas de un campo de investigación emergente”, en en Portes, Alejandro, Luis Guarnizo y Patricia Landolt (coord.) *La globalización desde abajo: transnacionalismo inmigrante y desarrollo*. México. FLACSO, Porrúa. pp. 15-44.

Roca, Girona J. (2006) *Amor importado, migrantes por amor: la constitución de parejas entre españoles y mujeres de América Latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España*, Memoria del proyecto, Proyectos de Investigación Científica y Desarrollo Tecnológico, Plan Nacional de I+D+I (2004-07), Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, Instituto de la Mujer.

Roca, Girona J.. (2007) “Migrantes por amor. La búsqueda y formación de parejas transnacionales”, *Aibr. Revista de Antropología Iberoamericana*. 2(3): 430-458.

Roca , Girona J., Montserrat Soronellas Masdeu e Yolanda Bodoque Puerta (2012) “Migraciones por amor: diversidad y complejidad de las migraciones de mujere” *Universitat Rovira i Virgili. Departament d’Antropologia, Filosofia i Treball Social* 2012, 685-707.

Roca Girona, J. (2009) “Quien lejos se va a casar...Migraciones (re) negadas”. A: *Alteridades*. Vol. Universidad Autónoma Metropolitana, Depto. de Antropología, México.

Rosaldo, Renato (1989) *Cultura y verdad*, México, Ed Grijalbo

Rouse, Roger. (1991) “Mexican Migration and the Social Spaces of Posmodernism”. *Diáspora*. Spring. pp. 8-23.

Russel Hochschild, A. (2008) *La mercantilización de la vida íntima. Apuntes de la casa y el trabajo*, Madrid, Katz Editores.

Sarró Ramon (2007) “La aventura com categoria cultural. Apuntes simmelianos sobre la emigracion subsahariana” Instituto de ciências sociais- Universidade de Lisboa.

Disponivel em http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2007/wp2007_3.pdf

UNFPA (2006) *Hacia la esperanza: las mujeres y la migración internacional*. Informe sobre el estado de la población mundial. Disponible en: http://www.unfpa.org/swp/2006/pdf/sp_sow06.pdf

